

0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANO II—N. 103

6

MAIO
1943



BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

O DIA DA MARINHA

O Sr. Ministro da Marinha condecorando o Capitão de Mar e Guerra, Guerreiro de Brito, comandante do «Alonso de Albuquerque».

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



ALICE
O E I R A S

Aplaudida declaradora vai dar no dia 9, no Teatro Nacional, o seu último recital de poesia, pretexto, sem dúvida, para que os admiradores da sua arte lhe prestem homenagem.



AUGUSTO
R I C A R D O

Poeta de apurada sensibilidade os seus versos são simples, sentidos e espontâneos. Acaba de publicar mais um livro — «O Preciso de Santenil» que confirma plenamente o lugar que já conquistou entre os melhores valores da poesia portuguesa.



DR. MANUEL
S I M Õ E S
B A R R E I R O

Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, publicou recentemente «Doze anos de administração Municipal» um elegante volume com larga documentação sobre a vida, progresso e anseios daquela importante vila.



JERÓNIMO
H E N R I Q U E
J O R G E

1.º piloto-aviador, seguiu há pouco para Washington, onde vai desempenhar as altas funções de adido naval, junto da Legação de Portugal na capital norte-americana.

AQUI entre Nós



LUIS FORJAZ
T R I G U E I R O S

Um escritor moderno de larga visão humana e ampla cultura, que é além de crítico e ensaísta, um novelista de mérito. O seu último livro «Ainda há estrelas no céu» confirma o seu valor.



R A I N A L D
W E L L S

Jornalista inglês que desempenhou até há pouco o lugar de correspondente-chefe da agência Reuter na Península e que teve de abandonar Lisboa para regressar a Londres, onde lhe foi confiada outra missão jornalística.



FERNANDO
D' A L M I R O

Autor de um livro curiosíssimo que é a magnífica edição ilustrada da Agência Editorial Brasileira acaba de publicar — «A História da aviação» contada às crianças». Trata-se de um livro infantil diferente de todos os outros — e que aparece na hora própria.



LUIS D'ALMIRO

Um novo que, ao de outros novos, formando o grupo de autores editores, publicou «Revolta», um livro de novelas sugestivas — presença de boa tempera de artista.

PORTUGAL E O MUNDO

QUINZE anos são pouco na vida de um povo, mas podem, pela seiva dos princípios e pela força criadora das instituições, alimentar e marcar um século.

EM quinze anos, quatro de derrocadas económicas e financeiras, três de guerra na Península, que nos cortou da Europa por terra, quatro de conflagração que a bem dizer nos tem separado do resto do mundo por mar.

A nossa instrução livreca, formação dialéctica, nada objectiva, movendo-se na abstracção, com pequeno contacto com os factos, põem empenhar-se em fórmulas vagas que estendem os processos, não cortando as questões, mas não servem quando precisamente se trata de estudar realidades e dar solução aos problemas da vida.

OS homens de quarenta anos viram já duas doutrinas políticas em acção. Os de espírito liberto podem guiar-se pelas lições da experiência, se a evidência dos princípios os não tinha convencido já.

RECONHECEMOS lealmente dever ao capital, à técnica e à iniciativa estrangeira, designadamente ao capital inglês, parte importante do progresso do país metropolitano e colonial.

O Governo pôde definir no começo do actual conflito a sua posição de neutralidade — neutralidade não incondicional, como é evidente, porque não haveria de esquecer nem imposições de dignidade da Nação, nem superiores interesses do País, nem a existência da aliança inglesa, que em momento tão escuro e difícil não quisemos deixar de reafirmar lealmente. Não fujo de classificar delicada uma tal situação, não só porque em todos os campos possuímos amizades, mas porque se mostram envolvidas na luta nações a quem nos ligam tão estreitos laços de camaradagem política e tão profundos afectos como a Inglaterra e o Brasil.

OS países que não lutam estão como os outros na guerra.

EM política, os problemas simplificam-se pela delimitação de fronteiras e de poderes. O princípio é que nem duas soberanias num território nem competência de autoridades para a mesma actuação. A regra aplica-se também aos territórios coloniais, acerca dos quais algumas idéias correntes estão longe de ser inofensivas.

O Governo não se irrita se pobre gente que precisa absolutamente de um pouco de curvão ou de azeite se lastima de o não ter ou do tempo que perde para conseguilo. Mas não pode desculpar aqueles a quem não falta o indispensável, a sua intolerância porque nem sempre obtêm aquilo de que aliás em boa consciência não precisam.

A crise do mundo não é imagem literária. A sua gravidade e profundidade, a sua extensão, os interesses e conceitos que estavam em jogo fazem tremor nos alicerces as nações e os impérios mais bem constituídos.

(do discurso proferido no passado dia 27, pelo sr. Presidente do Conselho.

Vida MUNDIAL ilustrada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

o filósofo, ao afirmar do alto da sua filosofia: «As mulheres bonitas são preferíveis com meias — e sem meias».

II

O S. P. N. distribuiu os seus prémios anuais de literatura e de arte. Os premiados embandeiraram em arco. Os desiludidos apagaram tristemente a sua lâmpada de argila. Na China, quando se não concede a algum concorrente um prémio literário, é costume — ou pelo menos era — justificar a recusa desta forma. «O vosso livro é de tal forma notável que se lhe concedéssemos o prémio, o Governo teria de mandar queimar por inúteis todos os volumes da Biblioteca Nacional. Perante esta penosa eventualidade, vimo-nos obrigados, meu caro senhor, etc.»

Aqui fica a adorável chineses.

II

ENCERROU-SE o ciclo de manifestações destinado a comemorar o centenário do nascimento de Sousa Martins, verdadeira glória da medicina portuguesa. Como afirmou um espírito ilustre, Sousa Martins não teria sido um criador na ciência experimental porque nem as condições do meio lho permitiam nessa época, nem talvez o seu próprio temperamento se adaptasse à fria atmosfera do laboratório, mas, nem por isso, deixou de sentir toda a renovação que se operava na ciência médica do tempo e de transmitir a sua palpitação com a fé dum crente, a sinceridade dum apóstolo — e a eloquência dum orador. Se o médico completo deve ser, na opinião de Landoury, não apenas um sábio mas um artista, Sousa Martins realizou praticamente esta nobre concepção. Por outro lado, a sua bondade era proverbial. «Quando nada mais tivemos para dar a um enfermo que sofre — recomendava ele aos seus discípulos — ao menos demos-lhe um sorriso». Numa simples frase se contém a biografia dum coração.

DIGA, SE É CAPAZ:

ONDE VIU JÁ

estas caras?



ISTO não é um concurso. Pelo menos um concurso nas bases clássicas «do quem decifra é quem vai ganhar o prêmio»...

É um passatempo, uma distração, uma ginástica de memória visual:

— Onde vi eu esta cara?

Muitas vezes, ao atravessarmos uma rua, ao cruzarmos-nos num passeio ou numa volta de esquina, esbarramos com uns olhos, uma boca um nariz, um modo de andar que não nos são desconhecidos mas que, afinal, não conseguimos identificar. E quantas vezes, até, ficamos intrigados:

— Ora esta! Mas onde foi que eu vi esta cara?

Certamente: esta impressão nem sempre tem fundamento. Tal cara apenas nos lembra uma outra que nos não é estranha. E nem precisamos de recorrer ao argumento daqueles que asseguram conhecermos esses rostos realmente, só em sub-consciência — de encarnações anteriores ou de vidas noutros mundos...

O passatempo que apresentamos é, pois, um mero passatempo, sem outras pretensões:

— Onde viu já estas caras?

Talvez nas pastelarias, nos campos de jogos, nos cinemas, nos teatros, nos consultórios, nas lojas de modas, nos «cafés», na repartições públicas, nos escritórios, nos salões de exposições, nos clubes, nas ruas — em qualquer parte, enfim, onde disperse um pouco das 24 horas de cada dia, numa roda de 365 voltas do ponteiro solar...

Veja, pois, se acerta. Faça um pequeno esforço de memória. Se quiser, e se tiver acertado em todos os casos, mande-nos dizer, porque talvez lhe reservemos uma surpresa...

No próximo número, entretanto, daremos a decifração das incógnitas. Isto é: diremos onde trabalha cada uma destas pessoas que a objectiva do nosso fotógrafo surpreendeu na rua. E vamos dizê-lo de forma irrefutável para a sua própria memória visual: damos a fotografia de cada um deles, feita no próprio local em que trabalham os fotografados.

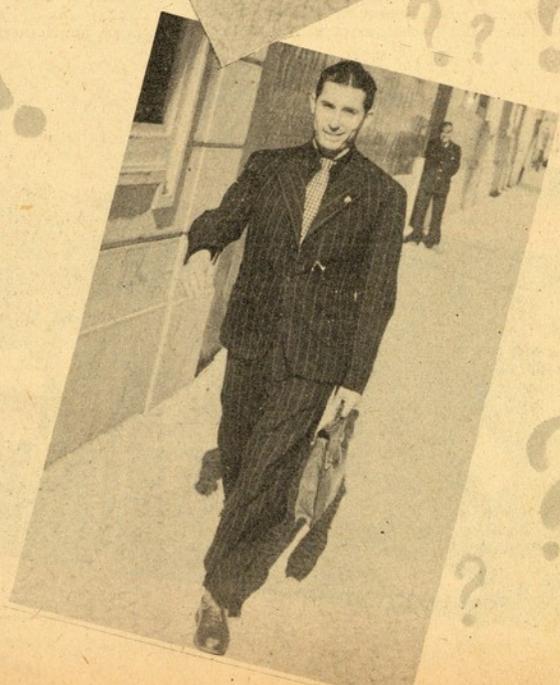
Em seguida a esta pequena série de «onde viu já estas caras?» daremos outra também de interesse como exercício de memória visual e artístico: «a que monumento pertence este pedaço escultórico?». Depois — sim, ainda há um depois... — virão outras modalidades do passatempo: «de quem é esta assinatura?»

Como se vê, nada disto é meter lança em África ou procurar interesse à custa de sensacionalismos: é apenas um pequeno passatempo para o leitor que, além do mais, poderá figurar numa «galeria de honras», caso decifre todas as pequenas dificuldades que vamos oferecer-lhe.

Pósto isto... veja se descobre:

— «Onde é que eu já vi esta cara?».

Sim, onde foi, diga lá!...



Em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

SIM, em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

Foi esta a pergunta que fizemos a cada um dos felizes—duplamente felizes—contemplados recentemente, não pela lotaria da Misericórdia, mas pelo bafo do génio que os fez triunfantes no concurso literário do S. P. N.

Costa Brochado, o Padre Moreira das Neves, Joaquim Paço de Arcos, Simões Müller, Armando Vieira Pinto e Campos de Figueiredo foram este ano os triunfadores do concurso. De uma hora para a outra, entrou-lhes na algibeira um maço de notas de calibre grosso—e daí o iniciarmos o nosso tiroteio perguntando:

—Em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

Os intelectuais passam por ser pessoas perdulárias, sem grande paixão pelo dinheiro—peço menos em conserva. Mas, porque a vida raras vezes lhes corre também desafogada, uma porta que se abre para deixar entrar uma soma... extra-ordinária, é sempre uma résteca de sol em dia triste de inverno...

—Em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

O escritor e poeta, Simões Müller, que recebeu o prémio «Maria Amália Vaz de Carvalho»—literatura infantil—com o livro «O feiticeiro da cabana azul» e «Icaro», duas vezes «príncipe dos poetas portugueses», nos Jogos Florais da Emissora, está a publicar «Históriazinha de Portugal». Quando lhe perguntámos o que vai fazer do dinheiro que recebeu, responde apenas:

—Antes de mais nada, protesto contra a pergunta, que é o que se pode chamar com propriedade uma perguntinha de algibeira... visto que se dirige às algibeiras de cada um...

—Bom, mas diga lá em que vai gastar os três mil escudos...

—Confesso que estou hesitante, entre uma viagem à roda do mundo, num veleiro todo branco ou a compra de uma vivenda no Estoril, com campo de «golf» e tudo... Na dúvida, acabarei talvez por me decidir por uma gravata espampanante que vi há dias na Baixa—ou por uma edição do D. Quixote que trago há meses debaixo de ôlho. Lembra-se do que Eça aspirava, como recompensa das suas sugestões, a propósito da nossa literatura infantil? Isto: uma quinta... Sabe você, por acaso, de alguma

que se alugue ao menos por três mil escudos?

Batemos à porta de Paço de Arcos que ganhou o prémio «Fialho de Almeida»—novelas—com o livro «Neve sobre o mar». É o autor da «Patologia da dignidade», «Herói derradeiro», «Amores e Viagens de Pedro Manuel», «Diário de um emigrante»—prémio «Eça de Queiroz» do S. P. N.—«Ana Paula»—prémio «Ricardo Malheiro», da Academia das Ciências—de «Ansiedade» e da peça «O Cúmplice». E responde-nos assim:

—Ora, que indiscrição! Entende que os escritores lucram em exhibir, perante o público, suas larguezas de perdulários ou suas preciosões de dinheiro—enfim, o férro da sua algibeira? Parece-me bem que não. Deixe os escritores das esquadras continuar a considerar-me homem de um mundo aonde essas preciosões nunca foram sentidas, incapaz, assim, de compreender os sofrimentos humanos pela miséria agravados. Não lhes tire essa ilusão! Eles levam tanto em gôsto sentenciar do alto das suas cátedras, essa minha incompreensão, filha não sei de que abundância!... Não, não lhes vá dizer, portanto, que o dinheiro do prémio me pode ter servido para pagar umas contas... umas dividadzinhas, como diria o Eça. Seria cruel, da sua parte, arrancar-lhes dessa forma o argumento poderoso com que fulminam a minha arte de romancista...

O telefone retine. Do outro lado do fio, a voz de Costa Brochado, vencedor do prémio «Alexandre Herculano», com o «Infante D. Henrique»—História—responde à nossa pergunta inesperada:

—Não sei, não pensei bem... Mas já reparou que nenhum artista, dos modernos, pelo menos, exprimiu pelo pincel os traços do rosto de Jesus? Talvez me abalance a premiar o artista que consiga dar-me uma imagem de Jesus, com a expressão que todos os católicos lhe adivinham: justiça, bondade, santidade, mas com um rosto de homem superior... Não acha que o dinheiro do prémio será assim bem empregado?

—Em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

Armando Vieira Pinto, um dos novos mais irrequietos no jornalismo e no teatro—não é verdade que as suas peças tem sempre o mérito de fazer irritar e fazer discutir o indigna

burguês e pasmaceiro?—ganhou os prémios «Gil Vicente»—com a peça «Coristas», representada o ano passado no Nacional—e «Alonso de Bragança», com a reportagem «O padre Flannagan em Portugal»—publicada no «Diário Popular», de que é redactor. A sua resposta é rápida e à sua maneira:

—Se eu disser a verdade, o público não acredita, se eu mentir, você julga que é verdade...

—Já o gastou, estou a perceber...
—Só comprei uma gravata por 30 mil reis...
—E os restantes seis contos novecentos e oitenta mil reis?

—O meu agente de publicidade, que está habituado a explorar a minha veia cínica, vai ficar furo...

—Diga...
—Suponha que eu pegava no dinheiro e dizia a minha mulher: vai para a praia com os pequenos?

—Todos achariam que você era um excellentíssimo chefe de família!

—Pois aí está, nisso é que ninguém acredita! Nem mesmo minha mulher, com quem quero viver em paz!

—Nem nós, ora o céptico, ora o cínico!
E desligámos sem querer acreditar...

Contamos pelos dedos: faltam dois, o Dr. Campos de Figueiredo e o padre Moreira das Neves. O primeiro ganhou o prémio «Antero de Quental»—poesia—com o livro do título paradoxal: «Navio na montanha». Tem já uma vasta galeria de obras publicadas: «Carta do Destino», «Jardim fechado», «Poemas do instante e do eterno», «Poemas de sempre», «O reino de Deus»—de um ensaio, «Biografia literária de Manuel da Silva Gato», tendo entregado no Teatro Nacional a peça «Tempestade de sombras».

Reside actualmente em Coimbra mas nós, quando ele vai a subir para o combóio, logo depois de ter recebido o prémio do S. P. N. agarramos-lhe pela aba do casaco:

—Em que é que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

Responde-nos primeiro com um tratado de moral literária:

—Os prémios literários tem dois valores... o moral e o pecuniário. Com o primeiro, encontraria um natural incentivo para produzir melhor, se esse desejo não fizesse parte, desde sempre, do meu programa literário. Com o segundo—isto é: com o valor económico que o prémio representa, antes de gastar esse valor, farei algumas considerações a mim mesmo, acerca do valor do dinheiro em si—e em nós. O dinheiro não constituirá a felicidade mas permite, como há quem o diga, e com razão, que com ele se adquiram coisas que nos tornam menos infelizes.

—Mas em que o vai então gastar?

—Uma parte destino-a a livros, a outra ao imprevisto. Evitarei, entretanto, gastar mal este dinheiro, mesmo para que a literatura não venha, afinal, a servir o pecado, empregando-lhe o ouro que ganhou...

O combóio deu um apito... o Dr. Campos de Figueiredo enfiou pelo túnel!

Faltava o padre Moreira das Neves chefe de redacção das «Novidades», Poeta e ensaísta, publicou já: «Sonho Azul», «As sete palavras de Nossa Senhora», «Hóstia florida», «O leal conselheiro infantil», «Inquietação e presença»—e, entre muitos outros, este agora: «O homem e a Morte», com que alcançou o prémio «Ramalho Ortigão». Roubamo-lo aos muitos acazeres e às muitas responsabilidades de chefe de redacção para lhe perguntar:

—Em que vai gastar o dinheiro do seu prémio?

Um riso alegre e moderado surge primeiro. Depois, responde da outra extremidade do fio telefónico, já mais sério:

—Vou começar a construir na aldeia, com frente para o sol e janelas abertas para o céu, uma casa no tamanho de um sonetinho, em que tudo seja simples e português. Como o prémio foi de ensaio, não chegará senão para ensaiar a tal casa do meu sonho. Isto, é claro, no caso de não perder até lá os quatro mil escudos ou de ninguém ter a triste idéia de me pedir emprestados, o que seria a mesma coisa...

OS PREMIOS DO S. P. N.



1

1
Armando Vieira Pinto... o grande laureado do prémio do S. P. N. Dois prémios numa vez não é costume...

2
Joaquim Paço de Arcos... recebe mais uma consagração extra... académica

3
Adolfo Simões Müller... agradece...

4
Costa Brochado... parece contente.

5
e os restantes premiados, ao lado do sr. ministro da educação e do director do S. P. N.

mare de sorte



mare de sorte...

do caderno de um Reporter

EMERGE do retábulo das figuras humildes e populares que precederam, fixaram e se seguiram à instauração da República. Era o «Tlim das Flores». Designação nascida do povo, sintética e luminosa, abrange toda aquela movimentada época.

Sempre o conheci velho, ossudo, canoso, os bigodes e cabelos, muito limpos e cortados. Não lhe davam importância e, sem embargo, foi dos maiores demolidores da Monarquia. O povo reconhecia-se nele e amava-o. Poeta ou iluminado, nas suas falas sucintas de patriota, avultavam três ou quatro verdades. Parecia imergir da noite dos tempos, de umas velhas tábuas pintadas há muitos séculos por um primitivo da escola portuguesa. Enternecia-se e comovia os seus pequenos auditórios. Os polícias, bigodudos e respeitáveis, não lhe tocavam. Sentiam-no blindado pela força imensa da sua sinceridade, da sua bondade, da sua fraternidade.

Aparecia, fantasma feito carne, ao mesmo tempo em todos os pontos da cidade. Infatigável, percorria as ruas, as idades e as gentes de Lisboa.

DO ARSENAL À RUA

Eu poderia, facilmente, averiguar do seu nome e apelidos, de quando nasceu e morreu. Mas julgo que profanaria o carácter insinuante e popular dessa figura simbólica. Ele ainda perdura na memória de muitos. Agora, desejo revê-lo para alastrar o conhecimento a todos.

As tardinhas, à hora em que as longas varas dos acendedores municipais abriam as altas portinholas dos oscilantes candieiros públicos, para depositarem a chaminada que oscilava toda a noite — a essa hora grave e recolhida, surgia o «Tlim».

Calcetada, incertamente, de pedras negras e brancas, Lisboa, enxugada as chuvas depuradoras do inverno ou os suores das prolongadas estiagens, rescendia a rosmã e a alfazema. Não era, como hoje, uma seca aringa onde plantaram prédios esquecendo-se das árvores. Nas janelas, dependuravam-se complexos jardins miniaturiais e, por todos os sítios, cresciam árvores e hortejos são, públicos ou particulares, mas estes, também, abertos ao povo. Ninguém roubava uma flor. Pedi-la, talvez. Exigi-la, nunca.

A BLUSA DE GANGA

Nesta verídica moldura, decorre a acção do nosso bardo — distanciado por seus trinta anos de esquecimento. Fora artifice no Arsenal de Marinha e reformara-se. Indignavam-no as sucessivas amputações do prestígio pátrio. E um dia, anos antes do «ultimatum», pôs a sua blusa de ganga e começou a dizer a todos as palavras sinceras que lhe afluiam à boca.

Tinha pontos certos onde era aguardado. Em Alcântara, a tipografia «Liberty», no Bairro Alto, a farmácia Pinharanda; nesta última, reünia-se o cenáculo de Magalhães Lima.

— Ele aí vem! Ai vem o «Tlim»!... Precedia-o um bando de garotos. Todos gritavam e arruavam até que o «Tlim», sempre engrinaldado o chapéu e trazendo ao ombro, com o porte marcial de um porta-machado, os seus ramos de flores, começava a falar.

Palavras simples e correctas, despidas de pretensão ou de «calão», aquele variado público compreendia-as. No ambiente de emoção pré-revolucionária, a limpíssima ganga do orador, os seus bigodes brancos, o seu chapéu engrinaldado, fluuavam ao sabor da brisa.

O «Tlim» era o comentário vivo, o jornal ambulatório da Lisboa desses tempos, a rebeldia respeita-

dora, a tolerância sem fariseísmo. Se faltava alguma vez, logo todos procuravam saber a causa, e um largo sorriso de contentamento saudava o seu regresso:

— Ai vem o «Tlim»!

E ele, após as aclamações rituais, recomeçava o discurso.

INTERPELADOR DE CÂMÕES

Pois este homem aparecera, revelara-se com a crise do «ultimatum». Uma tarde, surgira no largo do Camões e queixara-se ao vate das dores presentes da Pátria. Lá de cima, o «Trinca-Fortes» parecia abanar o brônzeo carão a dizer que sim, que compreendia perfeitamente quanto ocorria na alma lusitaníssima do «Tlim das Flores».

E este, saído de qualquer esconduela da Mouraria ou Alcântara, foi alargando o itinerário, paragem aqui, paragem acolá, para concluir, imperturbável, junto ao monumento.

Agradecia e retribuía a muda acolhida feita pelo Poeta de Quinhentos. Aproximava-se, em firme passo militar, fazia-lhe rigorosa continência e, uma vez depositas as flores, respeitadamente, religiosamente, irrompia no seu protesto de patriota humilde. Tratava-o sempre de tu:

— Ó Luiz! Vê como se encontra este teu povo...

GUALDINO E O «TLM»

Mestre Gualdino, estampa viva e querida de Lisboa, diz-me ter um escrito do «Tlim», dessas épocas pezarosas do «ultimatum». Ainda há poucos dias, me recordou:

— Só um acaso tornaria possível encontrar, entre os meus papéis velhos, esse. Mas recorde-me da profunda impressão que me causou. O «Tlim das Flores» consultou-me e «Tlim das Flores» consultou-me e «Tlim das Flores» consultou-me! Não quis que eu o emendasse! Não tinha, porém, o escrito que emendar, tão simples, sincero e compenetrado era na sua fala. Era o povo, a plebe, na sua expressão mais nobre, elo-

qüente, persuasiva e bela que reinarnava naquele velho operário. E, como os outros, também ele trabalhava na Ribeira das Naus...

Lamentei que o indispensável ulissiponense não tivesse à mão o tal papelinho do «Tlim». Contentei-me com que o guardasse na memória. E já não foi pouco.

Em período de tal modo movimentado como esse, chega a parecer fabulosa a figura do «Tlim». Por vezes, considero-a como fazendo parte de um friso irreal, tanto se transformou Lisboa sob todos os aspectos, Mas não. Ele foi uma realidade, pletórica de dinamismo, uma destas projecções das turbas graves nos momentos solenemente criadores. E não foi ele quem de nós se afastou, com o simples fenómeno da sua morte. Pelo contrário. Nós é que nos afastámos dele, com o conjunto imenso de vulgaridades, erros crassos e falsos progressos.

OS CRAVOS DO HUMILDE

A desapareição do «itinerário espiritual do Tlim das Flores», vêm de longe. Nunca mais o vi, depois do cinco de Outubro. E se apareceu foi, somente, para consignar e rubricar, no grande memorial do povo — a sua desapareição.

O «Tlim» e os seus pobres cravos emurchecidos, nada tinham de comum com o que veio depois. Pelo contrário: eram antípodas. Ele deve ter sobrevivido, fisicamente, algum tempo mais ao sonho desfeito pela realidade brutal.

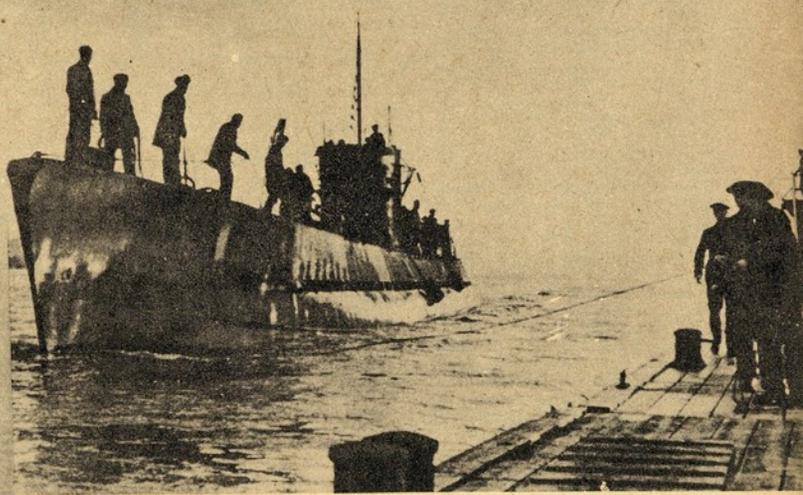
Mas que podia haver entre o iluminado da véspera e a seca jurisprudência de qualquer chefe de partido? Nada. E o «Tlim», e com ele o povo, a multidão imensa, após os grandes sacrifícios, desapareceram. Depositos os últimos cravos no soco do monumento a Camões, inaugurou-se uma era de administração, tão próspera quanto banal. Mas sem poesia nem espírito.

por Consiglieri Sá Pereira

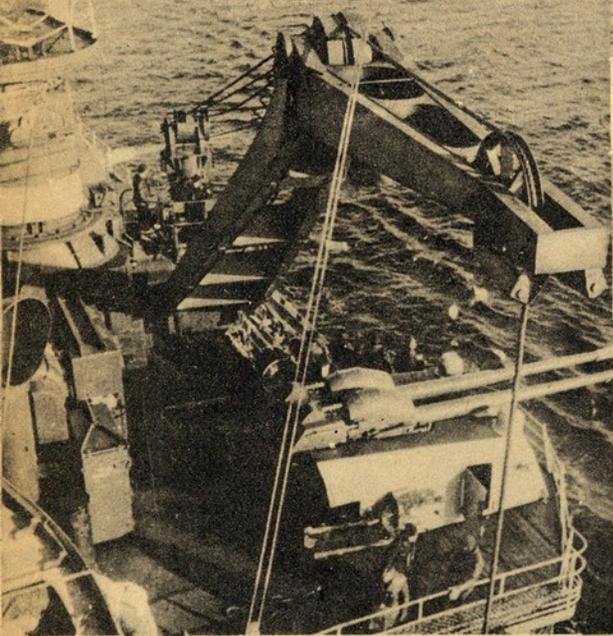


DOENITZ ataca em TODAS as frentes MARITIMAS

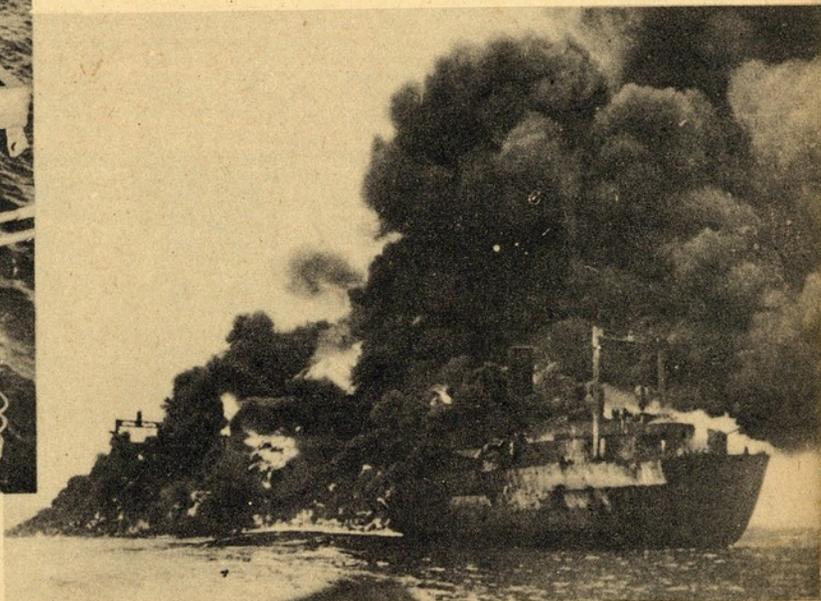
... que vamos de visita às costas do Mediterrâneo, em companhia do grande almirante Ricardini, no momento de ser apresentado aos oficiais do estado maior italiano.



Enquanto, ao entardecer, o submarino alemão regressa à base, depois de cumprida uma missão difícil que se reveste de aspectos sempre novos...



Desde o norte, no Glacial Ártico, onde se encontram este cruzador e este submarino alemães, cumprimentando-se protocolarmente...



... até ao Atlântico, onde acaba de ser incendiado este petroleiro inimigo, a armada alemã combate sob as ordens de Doenitz...

7 DIAS de CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

Os filmes de «cow-boys» estão na origem do próprio cinema. Pode dizer-se, sem receio de exagerar, que o espectáculo das imagens animadas deve às películas do Oeste grande

parte da expansão que alcançou, nos tempos indecisos em que enfrentou a multidão, curiosa e desconfiada, das primeiras salas escuras. Desde então para cá, melhores ou piores, mudos ou sonoros — as «westerns» continuaram a ter admiradores fieis e gozaram do mesmo prestígio de outras eras — quando William Hart, o «homem dos olhos claros», corria pelas pradarias em perseguição dos bandidos, ou Tom Mix surgia em Hollywood acompanhado duma autêntica «troupe» de índios, que o malogrado Van Dyke havia de dirigir, com a mestria proverbial.

Os filmes de «cow-boys» estão para o cinema, como as novelas de Texas Jack para a literatura. Dirigem-se, até certo ponto, e salvo casos excepcionais, ao mesmo sector — porque correspondem aos anseios de heroísmo e aventura, que palpita na alma de todos os adolescentes. Se perguntarmos aos garotos que enchiam os cinemas populares o que gostariam de ser na vida — quasi todos responderiam que a sua ambição se resumiria em ser «cowboy». Mas «cow-boys», à maneira de Gene Autry ou de John Wayne, para meter na ordem os ladrões de gado; cavalgar magníficos corceis; dominar a sóca, no «saloon» ruidoso, o provocador atrevido — e namorar, nas horas vagas, a filha do dono do «rancho», que começa quasi sempre por embriar com o «rapaz» e lhe cai, mais tarde nos braços, em prémio da sua acção valorosa.

Enquanto houver mocidade e gosto pelos romances ingénuos de sonho e de aventura — os filmes de «cow-boys» terão sempre lugar na tela e admiradores entusiastas de tão saudáveis espectáculos de ar livre, onde a destreza física e os dotes de valor humano, se impõem ao serviço de causas nobres e de justas aspirações.

Ainda há dias, num jornal da Província, li um artigo contra estes filmes, apodados de «perigosos» e «condenáveis». Dizia-se que influíam, de forma deletéria, no carácter dos pequenos espectadores do cinema, que lhes ensinavam o gosto de matar (?) e o desprezo do princípio de autoridade.

A meu ver, nada mais falso. Se há filmes onde o Bem tenha prémio e o Mal castigo; se há filmes

que cantem a audácia desinteressada e o heroísmo sem exhibicionismo; se há filmes que exaltem o cumprimento do dever, através de todas as dificuldades e em todas as emergências — esses filmes são, incontestavelmente, os de «cow-boys».

O herói, é certo, utiliza, por vezes, a força, como argumento de recurso para meter na ordem os que dela se afastam; usa, nos combates, um reluzente revólver e é capaz de meter uma bala, a duzentos metros, no círculo diminuto de uma lata de conserva, como os famosos caçadores de Tartarin de Tarascon. Mas é incapaz de abusar do poder físico para exercer prepotências ou serviços sobre os fracos ou indefesos, e muito menos utilizar uma arma, desde que não tenha pelo seu lado a autoridade e a justiça. O revólver, as mais das vezes, serve-lhe para apagar o candeeiro que ilumina o reduto dos bandidos, e assim, servindo-se da escuridão, escapar ao círculo dos seus algozes...

Tenho visto dezenas de filmes de «cow-boys» nos mais diversos ambientes. E nunca vi a plateia manifestar-se a favor do «cínico» ou do «bandido», mas, muito pelo contrário, sofrer com as dificuldades do herói e entusiasmar-se com a vitória dos bons princípios. Se o articulista do jornal provinciano, entrar numa sala popular, em bica que se exhiba um filme do Oeste, verá que não há exagero no que digo e que a plateia, ululante e barulhenta, acolhe com exclamações de júbilo e até com manifes-

tações de aplauso, os lances em que o «bom» marca «pontos» sobre os «maus», para significar, com delírio, o seu entusiasmo, no momento supremo em que o triunfo aparece, claro e iniludível — como prenúncio do termo bello da heroína ao seu herói e salvador...

«Billy, the Kid», que King Vidor nos deu noutros tempos, surge agora nas telas do Palácio e Odéon, com o atractivo do som — e da cor. Daqui a alguns anos — não será ousado profetizar — te-lo-emos, novamente, em relêvo, e até — quem sabe? — com o cheiro a pólvora e a flores silvestres, se a utópica ideia de Chaplin encontrar o mágico que a venha realizar...

E dizemos «te-lo-emos de novo», porque «Billy, the Kid», pertence ao número dos filmes que hão-de forçosamente interessar as plateias através dos tempos — e que suportam sucessivas versões, como os romances, velhos de muitos anos esgotam novas tiragens. Sob este aspecto, o cinema e a literatura caminham paralelamente. Com a vantagem do cinema — arte em plena evolução — até por força dos próprios elementos técnico e artísticos, que influem na sua existência, poder apresentar a mesma história, no prazo de poucos anos, com novos motivos de interesse.

Destá vez, a cor surge como ra-

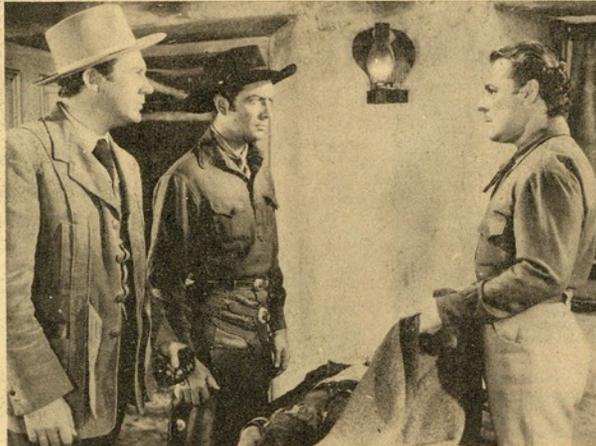
ção dominante da beleza espectacular. As planícies imensas do Oeste americano, arroxeadas pelo poente, azuladas ao anoitecer, tomam aspectos surpreendentes que com todo o brilho. Penhascos, a câmara tecnicolor nos devolve, rochas abruptas, areias soltas — o cenário varia a cada passo e é tão belo no seu primitivismo selvagem, que quasi nos surpreendem, na majestade da natureza, as lutas dos homens, reduzidas a mesquinhos proporções, por força daquella mesma grandeza.

Robert Taylor aparece-nos na figura de Billy, o vingador de seus amores, mortos traiçoeiramente. Nos tempos dos velhos pioneiros, a América era assim um país de contradições: para se fazer justiça, o peticionário teria que colocar-se à margem dela... Um único código e uma única lei: a força. E para lhe fazer face, um único argumento: uma força maior.

Robert Taylor estará dentro do papel? Creemos que não. Mas por isso mesmo se nos afigura mais digno de atenção o seu desempenho. Passa-se com Robert Taylor qualquer coisa de estranho. A Metro transformou, dum dia para o outro, o desconhecido Spangler Arlington Brugh, no galã do momento — Robert Taylor, parceiro de Garbo, em «A Dama das Camélias». E, depois, a pouco e pouco, desinteressou-se aparentemente do artista — que interpretou toda a casta de filmes, uns que se ajustavam à sua maneira de ser e outros que não lhe «serviam», de forma alguma. Hollywood tem uma especialidade: eleva os artistas ao pínculo da glória e depois «mata-os», quando melhor lhe convem. E «mata-os» pelo brusco afastamento dos estúdios ou, segundo as fórmulas do maquiavelismo cinematográfico, «queima-os» artisticamente, em filmes que são para eles autênticos fornos crematórios... E as cinzas lança-as ao vento ao esquecimento...

O leitor recorda-se, por certo, do que sucedeu com Luise Rainer. Duas vezes premiada pela Academia Americana, em anos consecutivos — «O Grande Ziegfeld» e «Terra Bendita» foi «liquidada» em menos de dois anos com «A Grande Valsa» e as fatais «Mademoiselle Frou-Frou» e «A Ansia de Vencer»...

Que destino reserva a Metro a Bob Taylor?! Estaremos, ultimamente, em presença de obras menos felizes?! Andará a Metro à procura dum género que se ajuste à personalidade do actor? Ou haverá apenas em jogo o maquiavelismo a que aludimos? Eis uma resposta que só o futuro nos pode dar...



Robert Taylor, na figura de «Billy, o vingador», surge, pela primeira vez, no cinema, num papel que não está dentro das suas tradições de galã e de amoroso.

NÃO SE FALAVA DELE HÁ TEMPO...

...MAS "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA" REVELA A NOVA:



ERNESTO SALES

VAI ESTABELECEER "MÁXIMOS" DE PÊSOS E ALTERES, REPRESENTANDO O LISBOA GIMNASIO!...

logar «récords». Nada consegui. Mais justamente: o Ginásio Clube nunca se interessou como devia. Esta, a verdade indimentável. Passaram assim épocas.

Uma pausa, e outra trajectória no seu raciocínio: — Enveredel depois, em hora pouco afortunada, por outro caminho. Desgostoso por tanta injustiça e indiferença. Mas não se apaga de mim a recordação d's pesos, onde eu chegara a fazer algo de interessante, modesta ao lado, vendo as minhas pretensões coartadas por outros que nada faziam além de falarem em excesso. Assente a minha vida particular noutras bases, decidi retomar calmamente, sem estridência, a minha preparação atlética. Havia que eliminar muito tecido adiposo. Dei tempo ao tempo, tanto mais que, por virtude da minha participação num torneio como era o de luta, no Coliseu, fiquei qualificado como profissional. À face da lei olimpica, para retomar a minha qualidade de amador, tinha que deixar passar quatro anos. Já lá vão, felizmente...

— Mas o Ernesto Sales esquecera. Não o levava o vento, é certo. Partira, porém, para longe... Depois, estava velho...

Animando-se gradualmente:

— Ainda há uns meses, creio que no fim do ano, falando-se de mim em certa cavaleira, um entendido em todas as matérias, um enciclopédico, teve este comentário: «Mas o que fez o Sales? Levantou uns pêsositos, sem nada de extraordinário. E, hoje, está pronto. Nem esses pêsositos levantarás». Já vê que o ambiente não pode ser mais pessimista, para não lhe chamar outra coisa...

E ajunta um apontamento irónico: — Só não disseram que eu estava desdentado talvez por esquecimento, ou porque em boa verdade, isso só por si não basta para significar velhice!...

— Mas o Sales não se perturbou e prosseguiu a sua preparação...

— Evidentemente. Dentro do Ginásio Clube, porém, deparei com imensas entraves. Falta de horas para eu treinar na sala, dificuldades de toda a ordem. Os pesos não interessavam, como não interessava a luta, como não interessam outras coisas, quando uma, mais poderosa, obseca tudo e todos.

Um pormenor:

— Creia que não exagero: estive quasi na necessidade de treinar num desvão de escada!...

— Entretanto, nem sempre há más vontades. As vezes são mal-entendidos...

— Não foi esse o meu caso. Eu sentia perfeitamente uma barreira em meu redor. Consegui, por fim, a cedência da antiga sala de jogos, para treinar, assim como que às escondidas, por grande favor...

— Em suma: tem treinado. Que regime tem seguido? Como se sente?

— Treino duas vezes por semana, geralmente da parte da tarde, variando a duração do treino, consoante o tempo de que disponho. Fisicamente, estou ótimo, como nunca me senti. Graças a Deus, cheio de saúde, de vontade — e de brío!...

Pego na palavra: — Uma vez que vai reaparecer, quais são os seus projectos? Com certeza que para dar satisfação ao seu brío, sabe, em consciência, o que pode exigir dos seus músculos.

— Tenciono tentar bater os «récords» que puder. Em Portugal, que me conste, não existe nenhuma lista oficial de «máximos». No Ginásio havia quem possuísse uma, mas ignoro se seria completa e verdadeira. «Récords» conhecido, e ainda de pé, parece-me que só o de Manuel da Silveira, com 112 quilos ao «developpé», não esquecendo que Silveira era pesado.

— Quanto pesa o Sales?

— Actualmente estou meio pesado, com 80 quilos.

— Visto especialmente algum máximo?

— Um momento de reflexão, talvez de hesitação... Decidindo-se:

— Verdaderamente não pretendo este ou aquele «récord». Compreenda-me. Visto que não há nada homologado oficialmente, vou estabelecer marcas. Mas... os 88 quilos em «carrachés», uma vez levantados por Humberto Caldas, podem ser uma tentação!...

— Quando pensa fazer as tentativas, reaparecer, claro está?...

Aqui, umas tréguas demoradas. Dir-se-ia que o «homem dos pesos tomava fôlego para elevar uns quantos quilos teimosos»...

...é que se-esse entrar na parte mais delicada — ou sensacional — da conversa.

— Como já lhe tinha dito em Outubro, deixo o Ginásio C. P. pelas razões acumuladas durante tanto tempo. Faça-o — com custo, por ter sido sempre o meu clube. Quero, no entanto, frisar um ponto que se me afigura importante. Não saio por conflito aberto com a direcção nem tenho nada com as divergências ocorridas nos últimos anos entre alguns atletas e directores. De resto, o tempo se encarregará de tudo rectificar... Saio, por querer fazer qualquer coisa e não ter o mais pequeno estômulo e amparo, que tanto solicitei. Ingresso no Lisboa Ginásio por saber quão dinâmicos, impulsionadores, são os seus dirigentes. Estou certo que lá me compreenderão e me facilitarão o objectivo que visio. O material do Lisboa Ginásio é o melhor que há em Portugal, presenteente, e a colectividade é simpaticíssima. Trabalha com inteligência em profundidade. Os sarões do ano passado e deste ano comprovam-no melhor do que todas as palavras.

Vou jogar uma pergunta. Mas Sales, entusiasmado, rietais traduzindo satisfação e esperança, não consente:

— Saíndo do Ginásio Clube Português só podia ir para o Lisboa Ginásio. Se me perguntar por quê, responderei que por tudo quanto disse e... mais porque sim!...

Continuando:

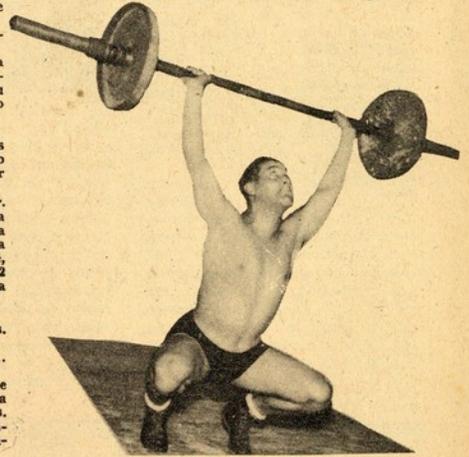
— A minha uroposta, entrou já no Lisboa Ginásio. Verificada a minha admissão, tratarei de combinar a data das tentativas, que serão rociadas de todas as garantias para se poderem homologar. Acredito sinceramente que o Lisboa Ginásio me proporcionará o ambiente que reputo indispensável, assim como não se oporá a que a minha exhibição seja unicamente para sócios e imprensa.

— Mas não prevê uma data?

— Sim. Possivelmente fins de Junho.

Numa transição:

— Espero ser feliz, como também confio no ressurgimento dos pesos e alteres. O Lisboa Ginásio teve magníficos especialistas, como por exemplo o Jorge Marques e o Climaco. Porque não há-de voltar aos bons tempos? Há a necessidade de «chicotear» o meio. Se aparecer um atleta na modalidade, é certo que outros virão... É regra entre nós... Todos á espera que um tome a iniciativa!...



QUEM é Ernesto Sales? O público desportivo conhece-o bem. Há 8 anos estava na «berlinda». Os seus 21 anos foram agitados, desportivamente, em demasia, para que pudessem passar despercebidos. Jogava crugby, «hockey», «hand-ball», as guelas da moto que possuía abriam-se pelas ruas de Lisboa, mas onde Sales se evidenciava era na alterófila e na luta. Estas duas especialidades ocupavam o seu tempo, eram as «favoritas». Em competições inter-clubes, Sales contribuiu largamente para os êxitos do Ginásio Clube Português, o clube onde ensalara os seus passos de atleta. Levado ainda pelo fulgor duma mocidade irrequieta e irreverente, não dando ouvidos a quem o aconselhava, e pensando que a opinião própria é sempre a que deve ser seguida, Ernesto Sales, que mereço do mérito indiscutível que demonstrava no levantamento de pesos, se cotava como um possível representante de Portugal nas Olimpíadas, vendo a sua candidatura prejudicada por conselho de um técnico do seu clube, apareceu um belo dia no Coliseu enquadrado no campeonato de luta profissional. Esse período marcou o final das exhibições públicas de Sales.

Não mais se falou do Ernesto Sales. Mas o atleta, afinal, não desarmara. Reposou. Modificou a sua vida, disciplinou-a e retomou na sombra a preparação que, em seu entender, o devera levar de novo a ser discutido e a bater alguns «récords» do seu desporto número um: os pesos e alteres!

O leitor perguntará, naturalmente, se Ernesto Sales terá idade para grandes feitos, sabido como é que em Portugal considera-se, por sistema, um homem liquidado perante o desporto, passada a casa dos 30. Ernesto Sales — felizmente, não está liquidado. Vive. Quere. E arrima-se confiantemente aos seus 32 anos, para afirmar que se encontra hoje, melhor do que nunca, sob o ponto de vista físico e moral. Esta tranquilidade e esta certeza podem, portanto, conduzi-lo longe. Aos 35 anos, um homem de vida regrada, ou que a soube reger ao tempo, está indiscutivelmente em plena pujança. Afirmam-no os cientistas. Proclamam-no os que podem saborear esse momento!

Duas chávenas de café a uma hora em que os curiosos, os escutas, os boateiros, só dificilmente podem exercer a sua actividade importuna e nociva... Um «Camel» para completar o cenário e a conversa encosta-se ao direito...

— Quais as razões por que pensa voltar a levantar pesos, com pretensão carácter oficial?...

— Foram sempre da minha predilecção os exercícios de força, especialmente os pesos e alteres. Quando intensamente cultivei a especialidade, não consegui, apesar de todos os meus esforços, que as «marcas» obtidas fossem sancionadas, homologadas, por quem de direito...

— A Federação Portuguesa de Atletica e Luta...

Um sorriso — e um refôrço de opinião:

— Exactamente. Um organismo que ao tempo era constituído por técnicos, que nunca estavam presentes quando era preciso. Por intermédio do meu clube reclamei, solicitei a comparência das entidades que podiam, em face dos regulamentos, homo-

Uma reportagem de LANÇA MOREIRA

RUMORES DO MUNDO

Qual é a situação político-militar do governador de Nova York, La Guardia?

A por várias vezes têm corrido boatos de que La Guardia vai ingressar no exército norte-americano com a patente de brigadeiro-general e que depois seguirá para o Norte de África onde assumirá as funções de administrador após a expulsão das forças germano-italianas da Tunísia.

Estes rumores foram agora parcialmente confirmados pela declaração de Early, secretário do Presidente Roosevelt, que os comentou assim: «Tudo indica que o governador de Nova York seja encarregado duma comissão de serviço no exército. O próprio La Guardia numa entrevista concedida aos correspondentes dos jornais americanos contentou-se em fazer a seguinte observação quando lhe falaram no assunto: «O primeiro dever dum bom soldado é saber conservar a boca fechada».

Supõe-se que, caso se verifique a nomeação de La Guardia para a administração das antigas possessões italianas, os seus auxiliares neste novo cargo serão Albert Spalding, violinista famoso, que fez serviço militar juntamente com La Guardia, durante a outra guerra, quando este era major da aviação americana; Louis Adamic, célebre escritor e jornalista, nascido na Jugoslávia e que fez também serviço no exército americano durante a outra guerra, e Ugo Carusi, que é amigo íntimo de La Guardia, nasceu em Itália e, ultimamente, além de desempenhar as funções de Procurador-Geral em Washington, tem realizado emissões radiofónicas especialmente destinadas a provocar agitação anti-fascista na Itália.

Quais foram os motivos que provocaram o adiamento da viagem de De Gaulle para o Norte de África?

COMO se sabe, o general De Gaulle não partiu para Argel em virtude dum pedido do general Eisenhower o qual dizia ser de opinião que enquanto estivessem em curso as operações na Tunísia não se deveriam distrair as atenções gerais das derradeiras fases da campanha.

Os verdadeiros motivos deste adiamento, porém, foram outros. No Norte de África ainda há elementos militares — principalmente oficiais de alta patente — que avisaram o general Giraud de que eram contrários a toda e qualquer espécie de colaboração com De Gaulle e com os Franceses Combatentes, a quem continuam ainda a considerar rebeldes.

Outro factor explicativo do pedido do general norte-americano seria o facto de se terem demonstrações e contra-demonstrações não só em Argel como noutros centros importantes da África do Norte, à chegada do general De Gaulle, o qual está a tornar-se cada vez mais popular nas colónias francesas sob a administração de Giraud.

Qual foi o contratempo suscitado pela adesão da Guiana Francesa às facções combatentes de Londres e Argel?

QUANDO as autoridades locais da Guiana Francesa se declararam contrárias ao regime de Vichy, telegrafaram simultaneamente a De Gaulle e a Giraud, convencidas de que os dois generais já tinham chegado a acôrdo, e pediram-lhes que nomeassem um novo governador. Em consequência disto, ambos os chefes franceses enviaram um representante.

O sr. Rapenne, o enviado de Giraud, foi o primeiro a chegar à Guiana e imediatamente tomou posse do cargo de governador. Entretanto, o degaulista, sr. Bertrant, saíra de Londres e quando chegou a Brazzaville, na África Ocidental, tomou conhecimento do preenchimento do lugar pelo representante giraudista, motivo por que não prosseguiu a viagem.

O general De Gaulle, por seu turno, quando soube o que se passava, resolveu não se opor à nomeação do sr. Rapenne e encarregou o general Catroux de conseguir a nomeação de Bertrant para um posto sob os ordens de Rapenne.

Por que motivo teme a Bulgária a invasão?

A voz corrente nos círculos bem informados de Istambul que, quando o rei Boris da Bulgária esteve há dias no Quartel-Generai de Hitler, pediu ao chanceler alemão que enviasse para a Bulgária, com a maior urgência aviões de «caça» e brigadas de tropas de assalto para fazerem frente a um possível desembarque aliado na costa do Mar Egeu.

A opinião pública búlgara, segundo um correspondente de guerra que se encontra na Turquia, está firmemente convencida de que os aviões britânicos iniciarão «raids» maciços contra as cidades búlgaras como prelúdio da invasão dos territórios gregos ocupados pela Bulgária, logo que termine a campanha do Norte de África.

Algumas entidades búlgaras proeminentes crêem que os boatos dum desembarque na península italiana são destinados a afastar as atenções

das Potências do Eixo do verdadeiro objectivo das Nações Unidas. Este objectivo é, segundo julgam os partidários de tal opinião, libertar o mais depressa possível a Jugoslávia e, principalmente, a Grécia.

Quais são os aviões alemães que têm raio de acção para bombardear Nova York?

VOLTA a falar-se na possibilidade das Potências do Eixo desencadearem, num espaço de tempo mais ou menos curto, uma ofensiva de bombardeamento contra as cidades americanas.

Segundo um artigo publicado na *Tribuna Illustrata*, de Roma, o bombardeiro quadrimotor alemão «Heinkel 177» é o mais utilizável para este fim, pois tem um raio de acção superior a 7.000 milhas e transporta uma carga máxima de bombas, equivalente a seis toneladas.

Se bem que estes ataques sejam muito difíceis e arriscados, na opinião do referido jornal, merece a pena tentar realizá-los em virtude do enorme efeito moral e psicológico que teriam sobre a população norte-americana.

Para o efeito, o Eixo conta com grande número de pilotos-voluntários que estão entusiasmados com tal ideia. No entanto, ainda segundo a referida publicação italiana, a decisão está dependente de Hitler e de Mussolini, os quais, ao que parece, ainda nada resolveram sobre o assunto.

Qual é a opinião do Dr. Goebbels sobre os offensivos submarina alemã e área britânica?

NUM artigo recente, publicado no semanário *Das Reich*, o Ministro da Propaganda da Alemanha escreveu: «Estamos a realizar, dia e noite, os maiores esforços para pagar na mesma moeda, os ataques terroristas britânicos.

«Nesta esfera de guerra aérea, os britânicos são, psicologicamente, muito superiores, porque os resultados da guerra aérea podem ser directamente observados por todos, ao passo que as consequências da guerra submarina só são conhecidas pelo povo britânico passado certo intervalo de tempo.

É por isso que conhecemos perfeitamente o motivo por que o Governo britânico se recusa a publicar as estatísticas dos afundamentos realizados pelos nossos submarinos.

«Com a guerra aérea, a Inglaterra tem-nos prêsos pelos pulsos, mas com a nossa campanha submarina temos a Inglaterra segura pela garganta».

Como foram reforçadas as forças aéreas do «Eixo» no sul da Europa?

COM o intuito de recompor as debilitadas esquadilhas de Kesselring, o marechal do ar Sperrle, comandante das forças aéreas alemãs em França e nos Países Baixos, recebeu ordem para se transferir com todos os seus aviões para a Sicília e para o sul da Itália.

Esta notícia, dada em primeira mão por um correspondente em Berlim do jornal sueco *Aftonbladet*, significa que Goering concentrou no sul da península italiana cerca de 2.000 a 3.000 aviões de primeira linha.

O marechal Sperrle é um oficial distinto que conta na sua folha de serviços algumas missões de grande importância. Foi ele que comandou a «Legião Condor» durante a guerra civil espanhola e, durante a guerra actual, teve um papel muito preponderante nas operações aéreas que tiveram por fim proteger a passagem dos couraçados «Scharnhorst» e «Gueisenuau» e do cruzador pesado «Prinz Eugen» pelo Canal da Mancha, desde Brest até às bases navais alemãs, em Fevereiro do ano passado.

E quais são os chefes das forças aéreas aliadas que se propõem bombardear a Itália, depois da conclusão da campanha da Tunísia?

A reorganização de todas as forças aéreas do Mediterrâneo, há dias terminada, faz prever para breve o desencadeamento de ataques concentrados e em grande escala contra as instalações militares fascistas.

O marechal do ar Sir A. Tedder passou a ser o supremo chefe do novo comando, cujas operações abrangerão o comando do Médio Oriente, as Forças Aéreas Africanas do Noroeste e a Real Força Aérea da Ilha de Malta.

Cada comandante destas zonas é directamente responsável perante Tedder e este está subordinado ao general Eisenhower em todas as operações aéreas do teatro de guerra no Noroeste de África.

O Comando do Médio Oriente ficou a cargo do marechal do Ar Sir Sholto Douglas, o qual superintenderá todas as operações aéreas travadas entre as fronteiras da Índia e da Tunísia, e para o sul, até alturas de Madagascar.

A aviação do noroeste africano, que inclui unidades britânicas, americanas e francesas, encontra-se agora sob o comando do major-general americano Carl Spaatz.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



LA GUARDIA



GIRAUD



MUSSOLINI



SPERRLE



TEDDER



GOEBBELS



BORIS



DE GAULLE

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

actualidades

GRAFICAS



O Chefe do Governo falou à nação, através da Rádio. A foto que publicamos foi tirada na Emissora Nacional, pouco depois de ter terminado o seu discurso que foi gravado em filme.



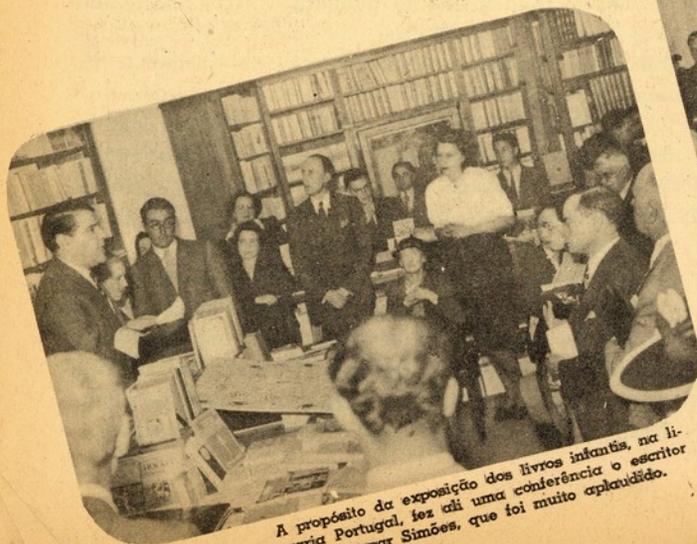
Na Liga 28 de Maio, foi prestada homenagem a Salazar, por ocasião do 15.º aniversário da sua subida ao poder. Na foto, vemos o dr. Mário Paes Esteves discursando.



O grupo «Tábor Raso» homenageou com um jantar o poeta Afonso Lopes Ribeiro que, de pé, agradece a homenagem, como se vê na foto.



O sr. dr. Júlio Dantas falou na Sociedade de Ciências Médicas, durante a sessão comemorativa do centenário de Sousa Martins, presidida pelo Chefe do Estado.



A propósito da exposição dos livros infantis, na livraria Portugal, fez ali uma conferência o escritor dr. Gaspar Simões, que foi muito aplaudido.

PORTUGAL na CALIFORNIA



NO norte, do outro lado da Porta do Ouro, na baía de São Francisco, está situado um dos mais ricos distritos do Estado da Califórnia. O seu clima ameno, a fertilidade do seu solo, a beleza dos seus vales e dos seus montes cobertos de pinheiros, fizeram com que os californianos o denominassem de «O Maravilhoso Distrito de Marin». Foi aí que, há muitos anos, um grupo de emigrantes portugueses chegou e, deslumbrado com os encantos da terra e a sua riqueza, resolveu estabelecer-se. E de tal modo venceram êsses pioneiros portugueses e os seus descendentes, que ocupam hoje lugar destacado na vida do Distrito, principalmente nas actividades agrícolas, fonte maior da sua prosperidade.

Conquanto formem já legião as histórias que se contam sobre a coragem pessoal e a fôrça de vontade dos primeiros colonizadores, uma das mais típicas, entretanto, é a de Manuel Teixeira, açoreano de São Jorge, que foi para Marin com 15 anos e é hoje o proprietário de duas das mais prósperas e maiores fazendas da Califórnia.

Relembrando a sua ida para a América, assim se expressou Manuel Teixeira: «Quando cheguei, tinha apenas alguns dólares que eu julgava me dariam para viver um mês; o nome de um amigo português de Marin e um coração cheio de fé na Democracia Americana.

A única coisa que não correspondeu às minhas esperanças foram os dólares que duraram duas semanas em vez de quatro...»

A HISTÓRIA DA SUA VIDA

Manuel Teixeira empregou-se numa fazenda de portugueses, juntou dinheiro — ganhava 25 dólares por mês e em três anos economizou 1.725 — aprendeu inglês e resolveu empregar o capital. Entrou com um oitavo nos lucros da exploração da fazenda em que trabalhava — mas aí perdeu quanto ganhara. Voltou desiludido aos Açores. Casou, tentou vida mas a América continuava a fasciná-lo: aquilo sempre era melhor... E, agora, que tinha a sua Rosa!...

Voltou, pois. Levou a mulher. Tinha no intento comprar de novo a parte da fazenda que fôra obrigado a vender. E se bem o pensou — melhor o fez. Trabalhou mais uma data de anos, juntou dinheiro — adquiriu uma parte da exploração — e prosperou.

Daí a pouco, estava em condições de adquirir uma pequena fazenda com algumas cabeças de gado e iniciar por conta própria a sua exploração. Os anos passados nessa pequena fazenda foram felizes para os Teixeira. Aí nasceram as suas duas filhas e foi aí também que Manuel Teixeira pôde juntar o dinheiro com que havia

de se lançar em empreendimentos de maior vulto no campo da pecuária e da indústria de lacticínios.

Quando as duas meninas atingiram a idade escolar, a antiga propriedade foi vendida, para que a família ficasse mais próximo da cidade e da escola pública que elas deviam frequentar.

Manuel Teixeira resolveu então arrendar uma grande fazenda perto de São Rafael, a mais importante cidade do Distrito de Marin. Durante 26 anos, trabalhou Manuel Teixeira nessa propriedade e aí as suas filhas cresceram, terminaram seus estudos, casaram-se e lhe deram netos.

MARÉ DE SORTE...

Com uma família que aumentava rapidamente, Manuel Teixeira achou que o mais avisado seria regressar às terras. Depois de investigações cuidadosas, decidiu-se pela fazenda de «Big Rock», uma vasta propriedade com 2.800 hectares de terras férteis e magníficas pastagens. Sete anos mais tarde, comprava também a famosa fazenda «Miller», que outrora pertenceu ao general Vallejo, primeiro governador militar da Califórnia. Actualmente, Manuel Teixeira e a esposa, vivem na fazenda «Miller», em companhia de uma das suas filhas, casada com o sr. Alberto Scaero, americano descendente de portugueses, enquanto a outra e o marido dirigem a fazenda de «Big Rock», muito próxima da primeira.

Apesar de contar agora 68 anos de idade, Manuel Teixeira conserva o mesmo espírito activo de outros tempos e uma saúde invejável. Com a ajuda dos genros, continua a dirigir o trabalho nas duas propriedades. Possui actualmente 600 cabeças de gado e diariamente mais de 2.600 litros de leite de primeira qualidade saem de seus estábulos para diversos mercados. Sua fortuna, considerando somente as terras e o gado que possui, está avaliada em 250.000 dólares. Os velhos Teixeira poderiam gozar agora uma vida de luxo. Mas a vida para eles tem mais encantos no pequeno e confortável «bungalow», que construíram no monte e donde a vista domina todo o vale, no convívio diário de seus filhos e netos.

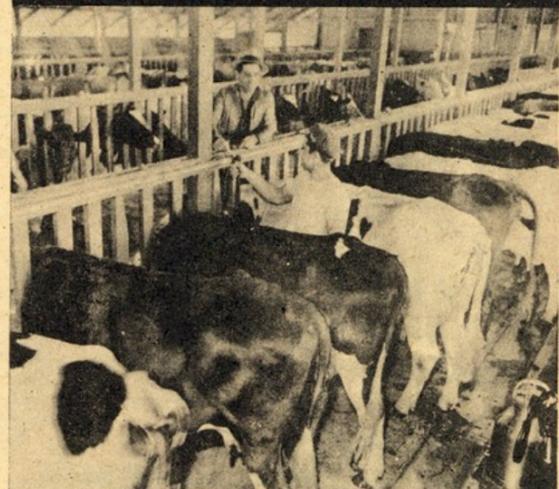
— Um dia — diz Manuel Teixeira — iremos ver os amigos que ficaram nos Açores e passaremos alguns meses em Portugal, a terra de nossos pais. Leais cidadãos americanos, nós, os portugueses de Marin, nunca nos esqueçamos ou deixamos de amar a velha pátria onde nascemos...



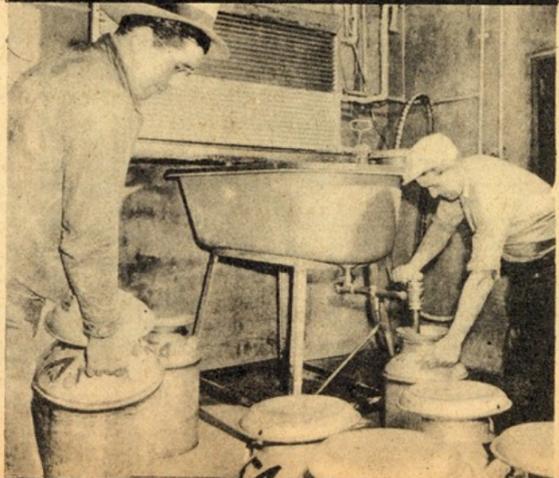
Manuel Teixeira gosta de contar ao netinho a sua vida de trabalho e de luta...



Sempre sorridente, a senhora Teixeira que tem hoje empregados, ainda gosta de olhar pelos petiscos...



Um estábulo para 129 vacas leiteiras ou a lição de um português perseverante...



A máquina suavisa o trabalho. E o sr. Alberto Soares, genro do sr. Teixeira, que o diga!

Julio de Sousa

A ALMA dos BONECOS



A DIVINHA-SE uma sensibilidade diferente nos dedos que modelam estes bonecos: um tato apurado de artista que escreve tragédias e se ri delas, até as ridicularizar; um Charlot de espátula, a construir poemas — é o que é este Julio de Sousa. Quando se vêem os seus bonecos — dá vontade de os escarpelizar, para lhes encontrar o coração e bater, o sangue a jorrar e a alma imaterializada, para lá dos trapos ou do barro de que são feitos...

Que grande artista, este Julio de Sousa! Que grande artista!...

Ah! que se ele tivesse a sorte de um Bordalo Pinheiro, se o público quisesse aproximar-se ainda mais, como seria incensado, cheio de dinheiro, levado ao elogio, louvado, considerado o primeiro, o único artista do género no mundo...

Mas por que falar em Bordalo Pinheiro? Acaso haverá parentesco com o hábil ceramista?

Que ideia! Fala-se por uma associação de pensamentos: ambos foram únicos, ambos fizeram de uma indústria um tema de arte. Mas tudo o que em Bordalo tendia para o popular, para o grosso, para a industrialização, para a cópia apertada do que via — em Julio é requinte de feição, «finesse», trabalho manual, directo na interpretação, pessoal e subjutivamente irradiante — criação. Quando Julio morrer — morrerão os seus bonecos, porque ele não deixará nem molde nem formas, nem instrumentos: adapta às necessidades imaginativas de momento o que tem à

mão — desde o arame ao cordel, desde a tesoura ao alicate...

Os bonecos de Julio — são ele mesmo, pedaços da sua arte, filhos da sua inspiração, alguma coisa da sua própria alma, com a personalidade de um mundo movendo-se dentro da sua alma de artista...

É assim que o visiona quem for à sua casa de trabalho — uma salinha cheia de luz, ali para os lados do Campo Grande, onde vivem também muitas das altas figuras que lhe povoam um dia a imaginação e logo se transformam em pedaços de trapo ou de barro que só não falam nem caminham, na eloquência das suas atitudes.

Que grande artista, este Julio!... E que personalidade...

— O que mais prezo. Hoje, sinto-me assente, senhor da minha técnica, da minha personalidade, por isso posso dizê-lo: ao principio, quasi temia o contacto de tudo que pudesse influir na minha maneira de ser...

Julio de Sousa — um rapaz que veio bastantes anos depois do nosso século — é escultor. Frequentou a Escola das Belas Artes, tirou boa classificação mas foi só depois de se libertar da ideia escolástica que a sua arte adquiriu expressão — se expandiu e tomou forma.

— Sempre supuz que seria um escultor sem dinheiro para fazer escultura e sem possibilidades de traduzir o que sentia. Depois é que me puz a fazer estes bonecos pequenos, em barro... E confesso-lhe que me sinto muito bem a trabalhar neste género de esculturas...

— Mas as outras, as «grandes»...

— Um artista pobre não tem grandes possibilidades de se abalançar a uma despesa enorme, com um trabalho que pode ficar a um canto esquecido...

Sabe-se que é assim. Mas também se sabe que a escultura tem hoje a aceitação reconfortante do público. Quando lhe perguntamos a que atribue esse interesse de artistas e de apreciadores, Julio encolhe os ombros com simplicidade.

— Não sei, nunca pensei se é por o público ser mais culto ou mais «snob» ou, ainda, se é por uma questão de amparo oficial aos artistas...

Julio de Sousa tem em mãos um trabalho de vulto e de requinte: uma interpretação da vida, com a candura fresca da mocidade, a dureza da maturidade e os traços de desgaste pelo tempo. Uma só cabeça em três idades. Por toda a parte, de resto — éle que não se preparou para a sua exposição anual e não tem trabalhos em «stocks» ou em saldo de última exposição — há pedaços de barro maravilhosamente trabalhados, interpretações fantásticas de gente conhecida ou daquele que vive na sua alma de artista.

— E os bonecos de pano?

— Comecei há coisa de três anos. De pequeno, sempre achei maravilhosas as bonecas de trapo que se vendiam nas capelistas. Mas digo-lhe francamente: antes da minha exposição de bonecos de trapo, no Nacional, senti um certo medo do meio. Aquilo tudo, que eu tão bem sentia, conteria seguiria ser compreendido pelo público? Afinal, parece que todos gostaram, porque os bonecos venderam-se...

— Trabalha só!



As vezes trabalha empoletrado numa mesa...



Greta Garbo tem destas attitudes...



Amélia Rey Colaço representou assim a «Electra».



Quem são? Apenas «três amorous» 1900»...

— Nestas miniaturas, absolutamente só. Uma vez, pedi a minha mãe para me ajudar. Era para pregar uma manga... Mas ficou tão bem costurada, que tive de desmanchar... É que os meus bonecos não são um produto de costura... Emprego os trapos, as linhas, ou o cordel, como poderia empregar qualquer outro material...

— Mas, antes dos bonecos de pano...
— As esculturas miniaturais... os versos...
— Versos...

— De pequeno inventei tantas tragédias; para escrever os meus versos! As tragédias que eu e os meus bonecos havíamos de viver...

Júlio de Sousa — ele é irmão da actriz Maria Amélia — vive na simplicidade da sua casa, entregue ao seu mundo de gente pequena, com o vício das «premiéres» teatrais e o desgosto de não ver teatro como ele sente que deveria ser esse conjunto de arte, de artistas e de trabalho, para uma boa realização cénica:

— Não quis ir à Paris, não me interessou a vida a Hollywood, não conheço, portanto, outro teatro que não seja o nosso. Mas quando o espectáculo acaba, sinto sempre uma impressão de que assisti a qualquer coisa que não foi acabada...

— Não trabalhou já para o teatro?
— Fiz muitos figurinos para a Satanela e para a Beatriz Costa. Gostaria mesmo de continuar a fazer figurinos, como já fiz numa revista feminina... Mas nessa revista havia um porteiro que também tinha muita habilidade para fazer figurinos e a directora preferiu-o...

— E o cinema?
— Fui o «maquilleur» do Costa do Castelo...
— Gostaria de continuar?
— Muito. Mas havia de ser para trabalhar com artistas. Com amadores, não...
— Um escultor tem com certeza opiniões sobre pintura...

— Eu próprio gosto de pintar. Mas não é como pintor e sim como público que tenho opiniões. Gosto de António Soares. Mas quero lembrar também Bernardo Marques, Almada Negreiros e Francisco Franco. Quatro plasticizadores de personalidade diferente mas que eu gosto sempre de associar...

— E o chamado modernismo?
— As vezes não o entendo. E até tenho a impressão de que às vezes esses modernistas estão a brincar com a gente...
E, agora, uma verdade que talvez ande arredada da lembrança do público: Júlio de Sousa

faz música. Lembrem-se do «Fado da Loucura», que depois Amaranthe cantou com o nome de «Cauteleiros»?

Pois é dele, de Júlio de Sousa, que não sabe música e faz músicas... de assobio, tocando com um dedo o piano ou dedilhando a guitarra. E como o cesteiro que faz um cesto... ele também faz um cento! Tem outras músicas, gravadas, umas que obtiveram maior outras menor sucesso.

* * *

E aqui está o que é Júlio de Sousa que faz miniaturas disputadas a dinheiro mas que não sabe fazer fortuna: um escultor disciplinado que desejaria dispersar-se em trabalhos de cenografia, de figurinos — não gostava ele de dirigir uma casa de modas? — um compositor, um realizador teatral, género Amélia Rey Colaço, um poeta que adora a poesia impressionista de António Botto, fora do egocentrismo em moda — um plasticizador de beleza que reflecte, ele próprio, as coisas simples que são do seu gosto...

No «Mundo Português» espalhou talento às mãos cheias, para o camartelo destruir — que magníficas pequenas estatuetas ele modelou, com o seu belo sentido caricatural, nos pavilhões coloniais! — No Circulo Eça de Queiroz, há uma colecção única no género, com certeza: as figuras pedaçoes de renda e trapo reluzente. E finalmente, como última realização — aí temos de Júlio de Sousa os bonecos do «Teatro de Mestre Gil» que ele fez com tanto carinho e que constituem o primeiro grande êxito dos fantoches que estão no simpático teatrinho animado por Santa Rita.

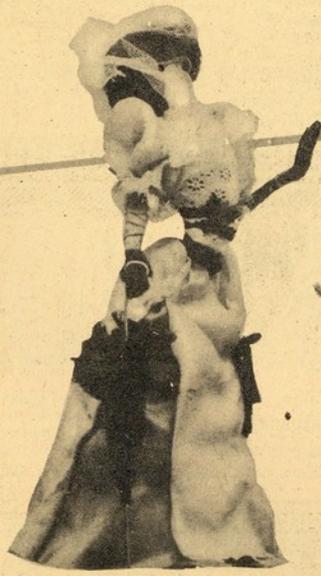
Como se vê, Júlio de Sousa trabalha sempre, trabalha muito — às vezes empoleirado numa mesa — e a sua arte, que é inconfundível, não se repete nunca. O processo é seu, os bonecos têm esse sópro diabólico que o artista lhe comunica mas cada um deles tem personalidade, mantém «carácter» sem mistura...

É assim Júlio de Sousa, é assim que se vê Júlio de Sousa, de longas e finas mãos, de olhos orientais e cor de ébano, tipo de alentejano nascido na freguesia de Santos. Gosta das coisas simples, espontâneas, naturais, e tem uma preocupação quando lhe põem na boca palavras de entrevista:

— Não escreva palavras difíceis, não me atribua palavras caras que eu teria vergonha de dizer...



Foi assim que ele viu Bette Davis na «Raposa matreiras»



E estas? Duas caricaturas — duas damas 1900...



Vê-se logo que é Maria Matos no «Costa do Castelo»!



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| HORAS | ESTAÇÕES | ONDAS CURTAS | |
|-------|----------|--------------|--------------|
| 7.15 | WEBX | 31.1 m. | 9.650 kc/s. |
| 9.45 | WRUW | 49.6 m. | 6.040 kc/s. |
| 11.45 | WBOS | 48.8 m. | 6.140 kc/s. |
| 13.45 | WBOS | 25.3 m. | 11.870 kc/s. |
| 17.45 | WBOS | 19.7 m. | 19.210 kc/s. |
| 17.45 | WGEA | 25.3 m. | 11.847 kc/s. |
| 19.45 | WGEA | 25.3 m. | 11.847 kc/s. |
| 21.45 | WGEO | 31.5 m. | 9.530 kc/s. |
| 22.45 | WGEO | 31.5 m. | 9.530 kc/s. |
| 1.15 | WDJ | 39.7 m. | 7.565 kc/s. |

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

| Hora de Lisboa | Comprimentos de Onda | |
|----------------|----------------------|--------------|
| 08.45 — 09.00 | 49.10 m. | (6.11 mc/s) |
| | 41.96 m. | (7.15 mc/s) |
| | 41.49 m. | (7.23 mc/s) |
| 14.15 — 14.45 | 24.92 m. | (12.04 mc/s) |
| | 19.76 m. | (15.18 mc/s) |
| | 13.86 m. | 21.64 mc/s) |
| 23.15 — 23.45 | 1.500.00 m. | (200 kc/s) |
| | 261.10 m. | (1.149 kc/s) |
| | 42.13 m. | 7.13 mc/s) |
| | 41.32 m. | (7.26 mc/s) |

CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

M'CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Sações de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

ESCUTAI

ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

| Horas de Portugal | Programa | Postos | Metros | Kc/s |
|-------------------|----------------------|---------|--------|--------|
| 7.40 | Noticiário | 2 RO 21 | 19.92 | 15060 |
| | | 2 RO 4 | 25.40 | 11810 |
| 12.20 | Comunicado de guerra | 2 RO 17 | 15.31 | 19590 |
| | | 2 RO 8 | 16.84 | 17820 |
| 13.30 | Noticiário | 2 RO 8 | 16.84 | 17820 |
| | | 2 RO 21 | 19.92 | 15060 |
| 17.00 | Noticiário | 2 RO 17 | 15.31 | 19590 |
| 21.00 | Noticiário | 2 RO 4 | 25.40 | 11810 |
| | | 2 RO 3 | 31.15 | 9030 |
| 21.40 | Noticiário | 2 RO 6 | 19.61 | 15300 |
| | | 2 RO 4 | 25.40 | 11810 |
| | | 2 RO 18 | 30.74 | 9760 |
| | | 2 RO 11 | 41.55 | 7220 |
| | | 2 RO 26 | 48.23 | 6220 |
| | | | 221.10 | ondas |
| 23.30 | Noticiário | 2 RO 6 | 19.61 | 15300 |
| | | 2 RO 19 | 29.04 | 16330 |
| | | 2 RO 18 | 30.74 | 9760 |
| | | | 263.20 | médias |

CONVERSACÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

| | | |
|-------|-------------------|-------|
| 21.10 | Aos domingos | 39.80 |
| 21.20 | As quartas-feiras | 31.41 |

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Vida MUNDIAL
Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

| CONTINENTE E ILHAS ADJ. | ESTRANGEIRO (com convenção) |
|----------------------------|-----------------------------|
| CENTES | |
| 3 meses (13 números)..... | 6 meses (26 números)..... |
| 6 " (26 ")..... | 12 " (52 ")..... |
| 12 " (52 ")..... | |
| AFRICA PORTUGUESA | |
| 6 meses (26 números)..... | 12 " (52 ")..... |
| 12 meses (52 números)..... | |

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA", é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.^o — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A Itália dispensa aos seus feridos de guerra os maiores cuidados. Tendo em conta os seus sacrifícios pela Pátria, acarinhando-os como filhos dilectos. Esta foto dá-nos um aspecto de uma festa realizada em Roma em sua honra.

LUCE

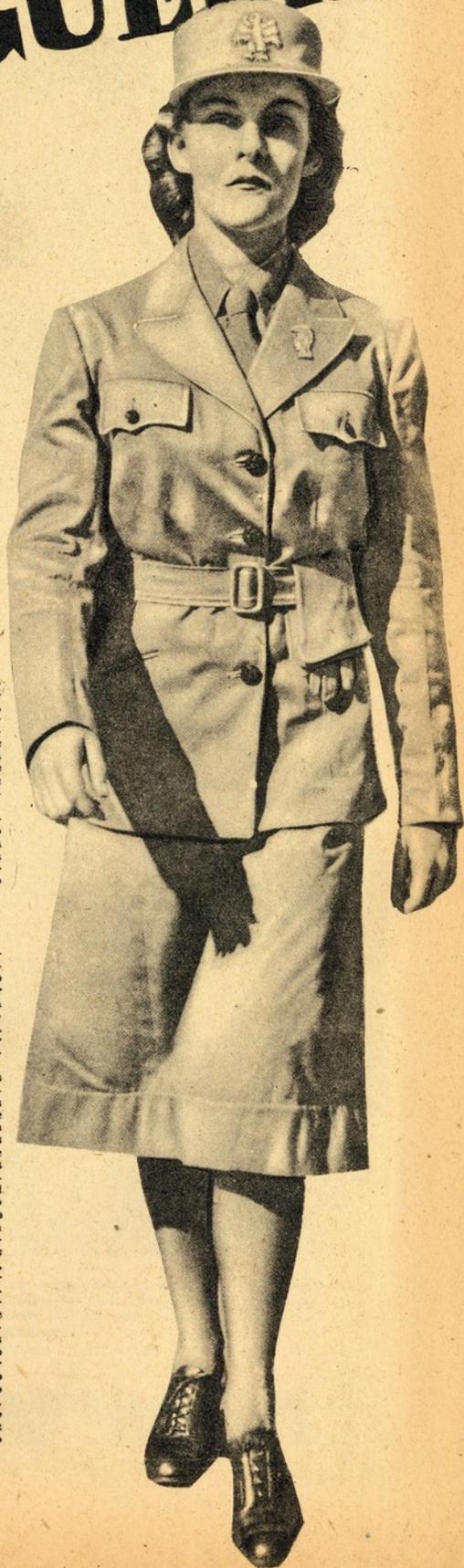
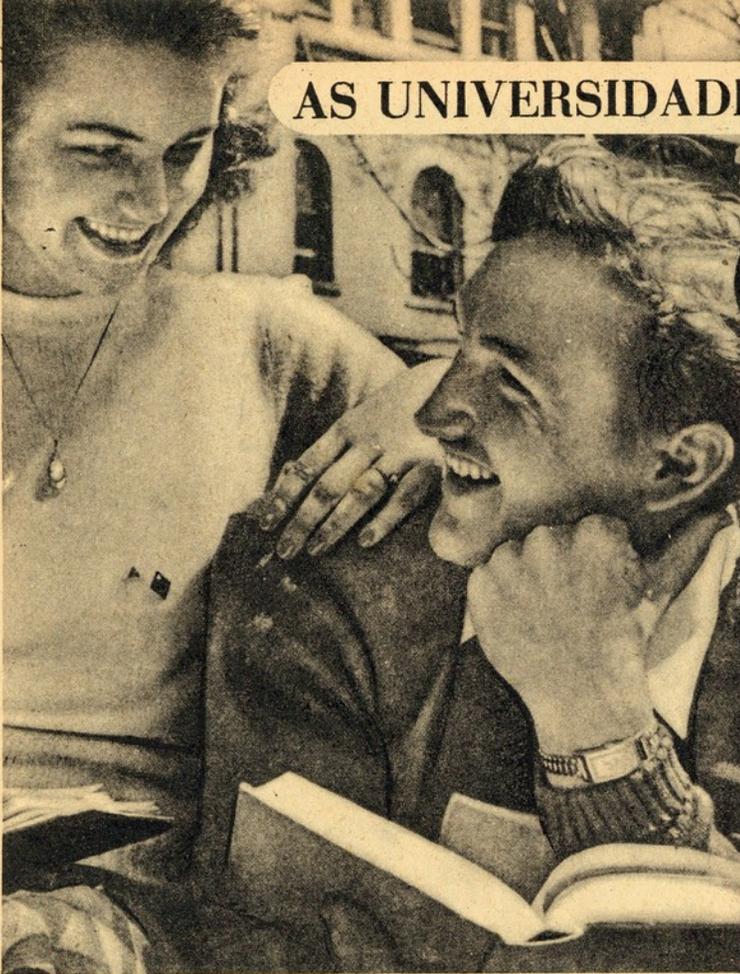


Esse interesse e esse carinho não se manifesta só nas camadas populares, como na própria Família Real. Aqui vemos, por exemplo, Sua Alteza a princesa do Piemonte visitando e confortando com as suas boas palavras alguns feridos e mutilados da guerra do seu país.

LUCE

AS UNIVERSIDADES AMERICANAS E A

GUERRA



As universidades americanas dispõem de mais decidido esforço na execução da parte que lhes compete para a consecução da vitória e organização do mundo melhor que há-de suceder-lhe.

Com a noção clara de que a guerra total significa a guerra em todas as frentes e com todas as armas, as universidades e institutos dos Estados Unidos colaboram intensamente no esforço do país, quer em trabalhos oficiais de investigação técnica, quer na preparação especializada de homens para os vários serviços de que depende o prosseguimento do conflito. Ao mesmo tempo, nos estabelecimentos de ensino americanos, continuam a funcionar os cursos académicos normais em que se educa a juventude da nação para o futuro, ao lado dos que se preparam para o presente. Na maioria das universidades, as matérias foram desenvolvidas, mas os períodos são agora mais curtos, apesar de uma actividade mais intensa.

Para tanto, o Governo criou, recentemente, a Repartição de Investigação e Desenvolvimento Científicos, destinada a auxiliar no prosseguimento da guerra pela mobilização dos maiores valores científicos do país para a invenção e aperfeiçoamento de instrumentos de combate. O objectivo da nova repartição é, pois, facultar às forças armadas o melhor material e, com ele, as melhores condições de superioridade sobre o inimigo e, ainda, recrutar o engenho, a habilidade e o saber dos homens de ciência americanos para a criação e fabrico de novos meios, esquemas e máquinas de guerra. E porque é nas universidades americanas que os maiores investigadores científicos exercem a sua actividade, a Repartição de Investigação e Desenvolvimento Científicos estabeleceu com elas um acordo para a realização de determinados trabalhos de pesquisa nos seus laboratórios privados.

Segundo Carl T. Compton, presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que é um dos primeiros estabelecimentos técnicos da América, até 6 de Maio de 1942 tinham já sido feitos contratos desta natureza com 94 universidades e escolas superiores, achando-se em curso 663 planos aprovados, com a intervenção de 7.500 investigadores.

CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

As universidades contribuem igualmente para o esforço de guerra com a preparação de pessoal para os vários serviços de que depende o prosseguimento desta. Desde 1 de Julho até 22 de Agosto de 1942, foram aprovados 1.686 cursos de preparação especializada, a ministrarem em 156 institutos e universidades. Calculava-se que, até ao fim de 1942, mais de 500.000 estudantes se teriam matriculado nestes cursos e, se compararmos este número com o total anual das matriculas nos 1.700 institutos e universidades dos Estados Unidos, que é de 1.350.000, a magnitude desta actividade de guerra tornar-se-á clara.

Pouco tempo depois dos Estados Unidos terem

entrado na guerra, vários institutos e universidades decidiram acelerar os cursos académicos. As faculdades de física e química e as escolas médicas, dentárias, farmacêuticas, comerciais e de engenharia resolveram seguir o sistema de laboração contínua, que muitas outras escolas profissionais e de artes, por sua vez, adoptaram também. Além da redução dos períodos normais pelo aumento de duração das aulas e pela diminuição do tempo de férias, a aceleração dos cursos obrigou a prolongar o período de verão de 1942.

A pedido das universidades, cerca de cinco milhões de dólares foram votados já pelo Congresso dos Estados Unidos para subsidiar a concessão de estudantes, com o fim de os auxiliar na frequência de cursos especiais para médicos, dentistas, químicos, físicos e engenheiros — todos essenciais ao esforço de guerra.

PLANOS PARA O APÓS-GUERRA

A juntar à sua função própria de estabelecimentos superiores de ensino especializado, aos institutos e universidades americanos foi atribuído o encargo de fazer compreender os fins a alcançar com a guerra e de estabelecer programas para a paz que há-de seguir-se — uma paz assente em princípios duradouros de justiça e humanidade. A orientação das escolas de artes liberais está a ser modificada, de harmonia com este elevado propósito.

John W. Studebaker, Comissário da Educação dos Estados Unidos, definiu assim o parecer dos educadores americanos sobre o programa de guerra das universidades: «A intensificação — absolutamente oportuna e necessária em tempo de guerra — da preparação de especialistas, cientistas e técnicos não deve fazer-nos esquecer que as artes liberais se tornam indispensáveis à educação de homens livres para um mundo livre. Os Estados Unidos não cumprirão o seu dever na presente revolução mundial unicamente ou, mesmo, principalmente pelo emprego do seu poderio militar e naval. A parte que nos compete na instituição de uma nova e melhor ordem no mundo terá tanto de espiritual como tem de material. A guerra poderá remover certos obstáculos que se levantam à consecução desse mundo melhor, mas não poderá por si própria criar nem boa vontade, nem liberdade, nem verdadeira democracia. E, portanto, ao ensino liberal das escolas e institutos que temos de recorrer para a formação de mentalidades que compreendam o que é a liberdade — homens e mulheres que possam aceitar as responsabilidades morais inerentes à liberdade sob a lei e que queiram cooperar no auxílio a prestar a todas as nações para que alcancem essa isenção superior, que lhes tornará possível interpretar o pleno significado da nossa fraternidade comum. Confio em que as universidades americanas saberão percorrer a dupla via da sua missão: a que conduz à vitória e a que nos aproximará de um mundo mais feliz.»

O salão de **PRIMAVERA**

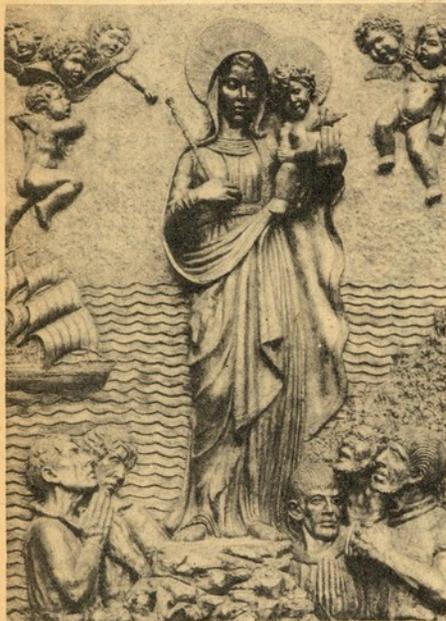
clá-nos destas

ALGUNS nomes, algumas referências, a acrescentar as nossas impressões da primeira volta a exposição do Salão de Primavera. A impressão de um fraco amadorismo que se colhe na primeira visita ou um exame de conjunto — não se desvanecem. Mas há nomes que convém fixar, embora eles não representem a toda a fecundidade das obras anteriores.

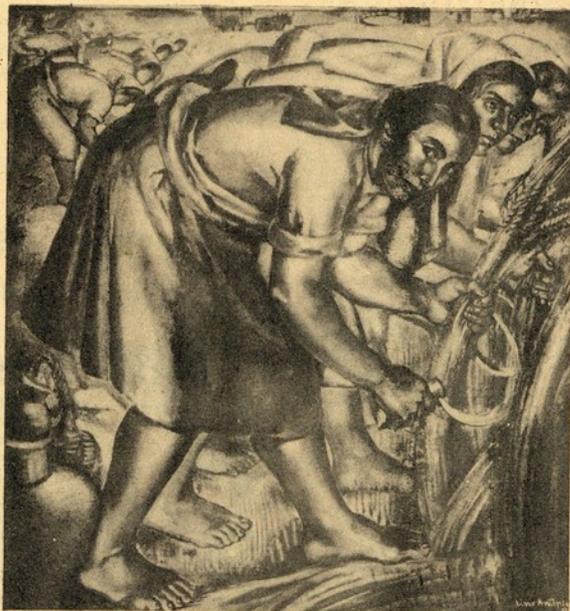
As reproduções que aqui ficam correspondem ao nosso dia-cultivo critério — mas não são tudo quanto do melhor poderíamos revelar do que está exposto na S. N. B. A.

Há mais — sendo melhor, pelo menos igual. Uma reprodução mais vasta é que não cobria aqui. Por isso nos limitamos. E por isso também a razão de não darmos nenhum trabalho de Romêno Esteves, Portela Júnior, Varela Aldemiro, Fernando Santos, José Contento, Canôdas, Fausto Gonçalves, Joaquim Lopes, Machado da Luz, Malta, João Reis, Túlio Vitorino, Antão Teixeira, — e tantos dos consagrados, ao lado de muitos novos e de outros que conturam um caminho já percorrido na escultura e na pintura...

IMAGENS



«Nossa Senhora da Arrábida», bronze de Márcio Diniz



«Ceifeiras», de Lino António



«À volta da Romaria», de Fausto Sampaio.



«A tia Juliana», de M. do Carmo Correia de Oliveira.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIX - a França depois da derrota

2

A REFORMA CONSTITUCIONAL

Foi no decurso da reunião a que nos referimos no capítulo anterior que foram lançadas, como disse-mos, as bases da reforma constitucional. O marechal Pétain encarregou, especialmente, desse trabalho o sr. Pierre Laval. Anunciou, imediatamente, que o Parlamento ia ser convocado e que as duas Câmaras teriam de se pronunciar quanto à transformação encarada. No parque de Vichy começou imediatamente a reinar uma animação extraordinária. A capital provisória da França começaram chegando numerosos parlamentares e as troças de impressões sobre a marcha dos acontecimentos tornaram-se particularmente intensas. Os deputados e senadores celebravam, particularmente, reuniões quotidianas. Essas reuniões degeneraram, rapidamente, em sessões preparatórias com o cerimonial parlamentar. A essas sessões assistia, invariavelmente, o sr. Pierre Laval, que ia de grupo em grupo, convencer os mais renitentes quanto à necessidade de reformar a Constituição.

No dia 4 de Julho, numa dessas sessões preparatórias, o vice-presidente do Conselho exprimiu-se, pela primeira vez, com uma clareza absoluta, quanto ao fundo das suas intenções: «Para empregar, pela última vez, uma expressão parlamentar é de uma verdadeira questão de confiança que se trata. O marechal Pétain pede a confiança do parlamento. É preciso que este se pronuncie dando uma resposta ao pedido».

O «Jornal Oficial» de 7 de Julho publicava o decreto de encerramento da sessão normal do parlamento e, ao mesmo tempo, convocava o Senado e a Câmara dos Deputados para uma sessão extraordinária que devia efectuar-se dois dias depois. A Câmara dos Deputados devia reunir-se de manhã e o Senado de tarde, no dia 9 de Julho; o local das reuniões era a grande sala do Casino de Vichy. No dia seguinte, 10 de Julho, as duas Câmaras, nos termos constitucionais, reunir-se-iam em conjunto formando a Assembléa Nacional que, em última instância, devia pronunciar-se sobre a reforma encarada e pedida pelo marechal Pétain sob a forma de uma manifestação de confiança na sua acção e nas suas intenções. A publicação das convocatórias despertou, como é natural, uma viva curiosidade.

A CONVOCAÇÃO DO PARLAMENTO

«As duas Câmaras — dizia a convocatória — deverá votar os poderes excepcionais de que o governo carece e de que o marechal Pétain se servirá para dar à França uma Constituição inteiramente nova, baseada em princípios de autoridade, de hierarquia e de disciplina. O marechal Pétain ficará assim habilitado a promulgar

«essa nova Constituição com o assentimento prévio das Câmaras».

Antes que a Assembléa Nacional se reunisse, o sr. Pierre Laval, numa das sessões prévias a que aludimos, afirmou que a acção do Governo se basearia na necessidade de construir de novo e de construir depressa. Em 8 de Julho na sala do Casino de Paris, aquele homem político francês expôs, pormenorizadamente, os seus pontos de vista que eram, nessa altura, os pontos de vista do Governo de que fazia parte, nos seguintes termos: «Estamos a deliberar numa sala de

cinema, e o exército alemão encontra-se apenas a algumas dezenas de quilómetros de nós. Encontramo-nos perante o maior desastre que a França até hoje sofreu. Foi um grande crime ter declarado a guerra. Pertence ao parlamento desde 1914, e não me esqueço de que saí do povo. Mas visto que a democracia parlamentar quis travar o combate contra o nazismo e o fascismo, e que perdeu esse combate, deve desaparecer. Para a substituir é preciso criar um regime novo, audacioso, autoritário, social e nacional.

«Os humildes e os trabalhadores devem ser defendidos e protegidos. A inteligência deve ter na cidade nova o lugar, todo o lugar, a que tem direito. O capitalismo, naquilo que há nele de abjecto, deve desaparecer. É sob o signo triplice do trabalho, da família e da pátria, que devemos caminhar para a ordem nova. Todos devem ter compreendido, a esta hora, que seria a França a sofrer, se isso não acontecesse. Digo e repito: um regime que nos trouxe a guerra e a derrota não está de maneira nenhuma indicado para fazer a paz. Recusa a ditadura? Tranquilizai-vos. Estou perante vós para defender o poder civil. Peço-vos, precisamente, para salvar o poder civil e com ele a porção de liberdades que ainda é possível salvar».

A POLÍTICA EXTERNA DA FRANÇA

Em outra reunião, celebrada em condições idênticas à anterior, o vice-presidente do Conselho francês aludiu, de maneira especial, à política externa da França no período que precedeu a declaração de guerra afirmando:

«Podemos agora medir a extensão do crime cometido por aqueles que declararam a guerra. Andámos sempre a reboque da Inglaterra. Não havia para nós nada mais humilhante do que ver os nossos dirigentes irem a Londres a fim de pediram autorização para serem ministros da França. Era com certa graça que os ingleses diziam que esses ministros iam à coroação».

«Tomavamos, a respeito de certos países, compromissos inconsiderados. E ao mesmo tempo que se injuriavam os países totalitários, deixávamos fomentar greves e permitíamos que a desordem se instalasse no nosso país. Fazíamos tudo para provocar a guerra, mas ao mesmo tempo fazíamos tudo para a perder. Verificou-se agora onde nos conduziram esses métodos».

«Acordámos na desgraça. A derrota coloca-nos perante uma situação que devemos encarar com coragem. Precisamos ter um único fim: fazer uma paz o menos má possível e colocar-nos nas melhores condições para atingirmos esse objectivo. Não temos outro caminho a seguir senão o de uma colaboração leal com a Alemanha e a Itália. Essa política, única que está de acordo com os interesses da França, tem de ser praticada com honra e com dignidade».

«Não tenho qualquer dificuldade em usar esta linguagem porque, em tempo de paz, defendi a necessidade de uma colaboração. Lamento apenas ter de a realizar depois da derrota. Mas se tivermos audácia e uma concepção sã dos interesses do nosso país poderemos ainda ter um futuro garantido. Precisamos, por isso, integrar-nos, com decisão e sinceridade, numa política europeia e continental. Isto é possível e indispensável com a condição de ressaltarmos sempre aquilo que nos dá o orgulho de sermos franceses».

O PARLAMENTO CONVENCIDO

Pode dizer-se que quando as duas casas do Parlamento se reuniram, no dia seguinte, estava feita a convicção de que a reforma constitucional seria aceite sem grandes discrepâncias. A Câmara dos Deputados reuniu-se às

VAMOS!! VAMOS!!
disse o patreão



Vou-lhes avariar mais uma «FACIT»

Quando os empregados começam a disputar acerca das máquinas modernas e rápidas «Facit», é de bom conselho comprar mais ou trocar as antigas. A «Facit» de 10 teclas manjáveis foi um êxito como máquina de calcular rápida e infalível. Depois vieram os modelos eléctricos, um deles, modelo especial para uma só mão, que tem uma velocidade de cálculo enorme. Estas máquinas de calcular acabam com

A máquina de cálculo rápido

Facit

para as 4 operações aritméticas — manual ou eléctrica

as pressas, num escritório cheio de trabalho, porque trabalham sempre depressa e bem. Para quem trabalha com grandes números e muitos decimais, há um modelo especial, «Facit» LX, com 19 algarismos no registo dos produtos. Chame-nos e peça uma demonstração.

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^a
RUA DA PRATA, 145 LISBOA
Telef. 25281 22102
R. SÁ DA BANDEIRA, 339 P. Ô RTO
Telef. 1248

9 e 30 e votou quasi por unanimidade (395 votos contra 3) os plenos poderes a conceder ao marechal para proceder à reforma encarada. O projecto de lei, para esse efeito submetido à sua apreciação, continha apenas um artigo redigido nestes termos: «A Câmara declara que chegou o momento de rever as leis constitucionais».

Na tarde do mesmo dia, o Senado, por 229 votos contra um, aprovava o mesmo projecto. A sessão da Câmara, nas condições em que se realizara despertara as atenções gerais. A sala do Casino estava completamente cheia. Entre os convidados figuravam, além de numerosas personalidades do mundo politico, representantes do corpo diplomatico e muitas senhoras. A sessão foi presidida pelo sr. Eduardo Herriot, notando-se entre as individualidades que mais calorosamente defendiam a necessidade da revisão constitucional alguns dos homens que tinham desempenhado lugares de relevo na politica da Terceira Republica, como os srs. Frossard, Chauteemps, Chichery, Pomaret, etc.; a circunstancia de advogarem a necessidade da reforma constitucional contribuiu poderosamente para emprestarem uma colaboração activa ao marechal Pétain no gabinete a que este presidia.

Mas a individualidade que dominava a cena parlamentar nesse dia era, incontestavelmente, o sr. Pierre Laval. A derrota da França contri-

bua, de maneira decisiva, para lhe dar de novo um lugar de primeiro plano na politica da França. Essa circumstancia, que podia representar em qualquer outra occasião a satisfação de uma aspiração, era, nas horas dramaticas que a nação atravessava, cheia de duvidas e de incertezas. A paz era, mais do que nunca, duvidosa; e sem a paz, a colaboração prevista representava uma tarefa gigantesca e susceptivel de causar apreensões mesmo a um politico hábil como era geralmente considerado o vice-presidente do conselho francês.

A SESSÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ao iniciar os trabalhos na sessão da Câmara dos Deputados, o respectivo presidente começou por fazer o elogio dos membros da Câmara que haviam cedido no campo da honra. Em seguida, o sr. Edouard Herriot acrescentou: «Procura-se fazer um apuramento de responsabilidades. Estas são de vária ordem. A seu tempo se esclarecerão. A hora da justiça soará. A França quer que essa justiça se exerça severa, exacta, imparcial. Mas a hora da justiça ainda não soou. Aquella que estamos vivendo é a hora do luto. Deve ser também a hora da reflexão e da prudência. Em volta do marechal Pétain, na veneração que o seu nome inspira a todos, o nosso país juntou-se na sua infelicidade. Devemos evitar que se perturbe o acôrdo que se estabeleceu sob a sua autoridade. Teremos que realizar várias reformas e que tornar mais austera uma República que tínhamos preparado para uma vida de facilidades mas que mantém integras todas as suas virtudes. Teremos que fazer de novo a França. O destino da obra que nos cumpre realizar depende dos exemplos de bom senso que conseguirmos dar. A nossa pátria grande e querida renascerá. Senhores, viva a França!».

Depois de proferir este discurso, longamente aplaudido por todos os sectores da Câmara, o sr. Herriot anunciou que a sessão ia ser suspensa para que a comissão do sufrágio universal se pronunciasse sobre o projecto governamental de reforma da Constituição. O relator do respectivo parecer foi o deputado Jean Mistler, que manifestou a sua concordância com aquele projecto. A comissão de sufrágio universal, ao dar a sua aprovação ao projecto governamental, acentuava que o fundo do debate devia ser tratado pela Assembleia Nacional. O parecer da comissão acentuava ainda a necessidade de proceder a um rigoroso apuramento de responsabilidades, não devendo este, porém, limitar-se aos governos e parlamentos em exercicio durante os últimos anos, mas estender-se a todos os sectores da actividade nacional que, de maneira directa ou indirecta, haviam tido interferência na resolução dos problemas que se relacionavam com a defesa nacional.

A ATITUDE DO SENADO

Os três deputados que votaram contra a reforma constitucional eram pouco conhecidos. Eram os srs. Margaine (Marne), Blondy (Oise) e Roche (Haut Vienne). O cerimonial no Senado não foi sensivelmente diferente daquele que se verificara na Câmara dos Deputados. O relator, por ordem da comissão de sufrágio daquela Câmara, foi o senador Boivin Champeau, e a sessão em que o assunto se tratou foi presidida pelo sr. Jeanneney. Este, ao iniciar os trabalhos, acentuou que a Constituição de 1875 resistira durante sessenta e cinco anos a todas as vicissitudes da vida pública, e acrescentou que as circumstancias que naquele momento se verificavam justificavam o projecto governamental de reforma. A comissão de sufrágio universal do Senado manifestou-se por unanimidade a favor do projecto de reforma. O único senador que votou contra foi o sr. Chambrun.

Depois das reuniões da Câmara dos Deputados e do Senado realizou-se a sessão conjunta das duas casas do parlamento, em Assembleia Nacional. A data dessa reunião, 10 de Julho, constitui uma data de capital importancia na vida da França. A sessão foi presidida pelo presidente do Senado, sr. Jeanneney, e no decurso dela o sr. Laval fez uma exposição pormenorizada dos motivos da convocatória:

«Todos os dias se nos apresentam problemas de uma significação trágica. Depois de uma derrota sem precedentes da nossa História, os meios de transporte encontram-se desarticulados, as nossas reservas de essência encontram-se praticamente esgotadas, as três quartas partes das nossas minas de carvão encontram-se em território occupado. É fácil calcular o que vai ser a tarefa do Go-

HALDA

UM NOVO PRO-

DUTO FACIT NO MERCADO PORTUGUES

Depois da recente ampliação da fábrica sueca de máquinas de escrever HALDA, podemos hoje oferecer-vos este artigo de excelente qualidade — a máquina de escrever preferida, desde antes da guerra, no mercado sueco, que é dos mais exigentes. Já em 1938, em cada três máquinas adquiridas pelos escritórios suecos, uma delas era HALDA.

A sua grande popularidade deve-se ao tipo de letra, muito igual e de lindo aspecto, e às grandes vantagens práticas que oferece. É construída em aço sueco. O facto da HALDA ser de origem idêntica à da máquina de calcular FACIT, hoje célebre no mundo inteiro — é garantia da sua qualidade.

Ao oferecermos a máquina de escrever HALDA aos nossos clientes, anima-nos o propósito de lhes proporcionar o que há de melhor no artigo, estando certos de que estas máquinas se tornarão tão populares como as FACIT.

AGENTES EXCLUSIVOS

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA LDA.

| | |
|---|--|
| Rua da Prata, 145 LISBOA Telefone 2 5281 — 2 2102 | Rua Sá da Bandeira P O R T O Telefone 1248 |
|---|--|

Declaro! Este

BIOCEL ALIMENTO

PARA A PELE

É MARAVILHOSO!

Prova que a Pele pode comer!



O meu médico disse-me que o Biocel contido neste alimento especial para a pele é obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados. Penetra profundamente na pele e fornece-lhe os elementos de que a precisa para ficar firme, fresca e jovem. Descoberto por um grande professor da Universidade de Viena, encontra-se agora misturado com o Crème Tokalon, Cór de Rosa, exactamente nas proporções convenientes para nutrir os tecidos cutâneos. Empregue este Creme à noite antes de se deitar e de manhã empregue o Creme Tokalon de Cór Branco. Em três dias permitir-lhe-á desembaraçar-se das imperfeições da sua tez e dos músculos flácidos e rofos. No decorrer de tentativas feitas num hospital de Viena pelo professor Dr. Stejskal em mulheres de 55 a 72 anos, as rugas desapareceram em seis semanas.

Os Cremes Tokalon encontram-se à venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito, Rua da Assunção, 88, 2.ª, Lisboa — que atende na volta do correio.

vêrno, que deve esforçar-se, no mais curto prazo de tempo, por evitar a miséria, consequência da catástrofe que caiu sobre o nosso país. O marechal Pétain inspira toda a actividade do Governo. Não descurámos nada para que rapidamente possamos chegar a resultados concretos, pôr em ordem a nossa administração e afirmar, de novo, o principio da autoridades».

OS ARGUMENTOS DO SENHOR LAVAL

O sr. Laval prosseguiu nos seguintes termos: «O maior crime cometido no nosso país foi, certamente, o de ter declarado a guerra sem a preparar, nem politica nem militarmente. Não há na nossa História exemplo de um desastre semelhante. Receio que os dias que se avizinham não nos façam sentir, mais duramente ainda, toda a grandeza da catástrofe».

Devo falar-vos, como de costume, com a maior franqueza. Não deixámos de cometer nenhuma das faltas que era possível cometer. Dir-se-ia que um mau destino se encarnava contra nós. Recordem-se as campanhas de Imprensa, recordem-se as emissões radiofónicas. Era a guerra da democracia contra as ditaduras. Era preciso abater o nazismo e o fascismo. Eu próprio me sentia ferido quando, à noite, na minha aldeia do Auvergne, ouvia falar sempre da democracia, e raras vezes ouvia falar da França! Lançámos um desafio com imprudência, com uma imprudência criminosa. Desafiámos e fomos batidos! É um facto que se impõe à nossa meditação e que deve condicionar, no futuro, os nossos actos.

Nenhuma brutalidade, nenhum regime de fôrça poderão jamais abater o orgulho da nossa raça. Se nos mostrarmos resolutos, se quisermos refazer a nossa alma, muito bem pode resultar para o nosso país desta imensa calamidade que foi a derrota. Há quem diga, é a tese daqueles que queriam partir, que a França não devia confessar a sua derrota. Se houvesse a mais pequena esperança, nenhum francês se recusaria a aceitar essa tese. Mas todos nós sabemos o que se passa. Eu assisti, de Bourdeus a Clermont Ferrand, ao espectáculo que nos oferecia um exercito derrotado. Não me grito apenas por aquilo que nos disseram os nossos maiores generais. Mas por que todos nós assis-

timos a esse espectáculo e compreendemos que não podíamos bater-nos, que não tínhamos armas, que nada podíamos contra a formidável máquina militar que a Alemanha tinha montado. Era preciso ceder. Partir? Isso seria votar o que resta da França a uma invasão total. Eu já disse que a França não pode ser salva abandonando-as.

(Continua)

AQUI JAZEM TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS MEDICINAIS

Há muitas maneiras de destruir os micróbios da boca, só há uma. Evita estomatites, mercúrias ou bismuticas. É a PASTA MEDICINAL dos doutores Couto, L.ª - Porto. 1.300MMOS-108

CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE
LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

HA trinta e três anos, quando os jornais de todo o mundo noticiaram que Luis Forjaz Trigueiros tinha adquirido o prémio Nobel, logo o público letrado arrebitou a orelha e se habituou a decorar o nome do premiado autor. Mas, ao contrário de outros, o autor da «Capital do Espírito» não adormeceu nem sob o ouro, nem sob o loiro. A sua obra literária continuou. Continuou a escrever sempre, muito e bem. Agora mesmo nos dá ele um livro de novelas — «Ainda há estrelas no céu» — a que os primeiros críticos europeus já começam a referir-se — pelo menos tanto como o editor.

— O que pretendeu com o seu livro?

Logo o romancista, o novelista, o ensaísta, o cronista, o idealista, o forjazista, respondeu:

— Rever-mê na minha obra como num espelho...

— Qual a missão dos escritores do nosso tempo abstracto?

Detem-se para acender um cigarro: um «Tip-topfield, made in» Tabaqueira.

— Para mim os escritores dividem-se em dois grupos: os que crevem e os que não escrevem. Para estas duas categorias a missão é semelhante e igualmente nitida: rabisar para «eliminar» o mundo e para escurecer o papel...

E um grande sorriso, cheio de simpatia e de compreensão humana, desenha-se pela primeira vez na sua expressão severa, por detraz dos óculos sócráticos.

— Que pensa do teatro?

— Não penso nada... Limito-me a criticar e já não é pouco...

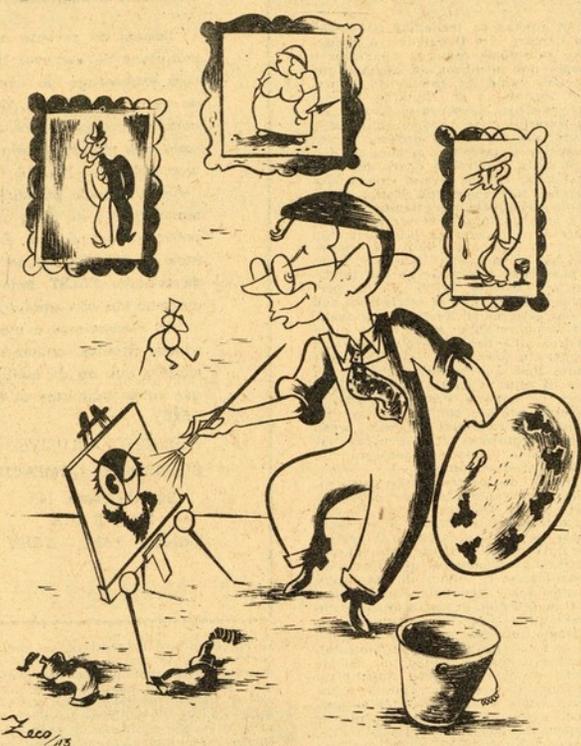
— Crê na Poesia?

— Assim, assim... Não tenho idéias definitivas sobre esse assunto. A Poesia, parece-me, está sofrendo as vicissitudes da questão formal...

A prosa satisfaz hoje mais as nossas necessidades íntimas

A tarde ia caindo sobre a cidade. Da janela da pequena sala onde conversámos, avista-se, ao longe, para além do arvoredo, rumores dum silencioso parque, a calva granítica e ponteguda do zimbório da Estrela, recorte de claridade na penumbra tépida do crepúsculo. Luiz Forjaz Trigueiros fala ainda, durante algum tempo, e das suas palavras desprende-se o mesmo misté-

CUIDADO RAPAZI!



Carlos Botelho, além das suas virtudes artísticas e domésticas, possui a singularidade de ter dois filhos — um rapaz e uma rapariga — que são mais velhos do que ele. Ou, pelo menos, assim se afigura. Não porque os filhos de Botelho pareçam velhos — mas porque Botelho parece muito novo. Com o seu tipo miúdo, os seus óculos de colegial, a sua pasta debaixo do braço, dá a impressão dum aluno do liceu. Quem o não conhecer mal dirá, ao vê-lo, que está ali, com todo aquele ar de menino, não apenas um dos nossos mais festejados pintores modernistas, mas um dos nossos mais exponents pais de família. Se a sua casa, risonha e feliz, reflecte a sua natural tendência patriarcal, a sua obra reflecte um temperamento que interpretar, o mais subjectivamente possível, a atmosfera colorida que o envolve. Inútil procurar na arte de Botelho outra pessoa que não seja ele próprio — com o seu nariz e a sua paleta. Aquilo que nos pinta é ele — apenas com mais cor. Mas vamos ao que importa. Neste momento em que Botelho abalou para Espanha onde vai acompanhar, como decorador, o «Verde Galo», fazemos votos pela sua boa viagem e lembramos, ao pai de família, cuidado não caia nos braços de alguma espanhola — ainda que não seja senão para robustecer o intercâmbio peninsular...

rio das suas obras... E deixei-o senhor feudal no seu Castelo — da Pena...

POESIA

ANUNCIA-SE para a tarde de 9 no D. Maria o recital de Alice Oeiras. A Lisboa intelectual ali se dará «rendez-vous» para ouvir a declamadora recitar alguns poemas portugueses. Oeiras vai estar em festa. Haverá combóios especiais.

CARNET-MONDAIN

PARTIU para Cascais o dr. José Ribeiro dos Santos, conhecido jornalista, que vai concluir «in loco» a sua mágica: *Bôca do Inferno*.

REGISTO LITERÁRIO

A Calçada da Glória regista os seguintes volumes. E o Ouro perdeu o brilho, sugestivo romance do dr. Evaristo Franco em

que o conhecido clínico nos mostra, mais uma vez, que a medicina não mata a literatura e que até, com frequência lhe comunica uma nova palpação de vida; *Os Romanos*, 90 páginas, da colecção *Gladio*, em que Mircea Eliade nos faz a história sintética destes verdadeiros latinos do Oriente; e *História do João Gigante*, de Henrique Marques Júnior, risonho «bébê» de 50 anos que sabe, como poucos, escrever para crianças.

VOLFRAMIO

O próximo romance de Aquilino Ribeiro intitula-se *Volfrâmio*. Vai ser uma «minaz» — para o festejado romancista. Os bolsos vão encher-se de mineral...

MONÓCULOS

CONSTITUIU-SE o Sindicato dos Monóculos. Para a direcção foram escolhidos os monóculos de Afonso Lopes Vieira (que será o presidente), de Francisco Lage, e de Augusto Santa Rita. Monóculo substituto: o do caricaturista Eduardo Faria. O Sindicato ficará instalado na rua da Boa-Vista.

NOITE DE ESTREIA

NA noite em que se estreou o «Labirinto» de Manuel Frederico Pressler, dizia alguém no final, comentando a peça:

— O primeiro acto é bom. Os outros, vê-se que foram escritos mais à Pressler...

DOENTES

ENCONTROU-SE felizmente restabelecido da doença que o teve dois dias parado, o nosso amigo Elevador da Glória. Congratulamo-nos.

A PERSISTÊNCIA

PARA aqueles que não acreditam na eficácia da persistência se conta esta história.

Um dia, certo sujeito pretendia que Voltaire lhe fizesse um favor. O poeta escusava-se, mas o homem insistia, tornava a insistir, insistia sempre. Voltaire acabou por lhe dizer terminantemente: «Participo-lhe que morri de hoje em diante». O pretendente respondeu-lhe sem demora, sobrescritando o envelope:

— Ao sr. Voltaire, no Outro-Mundo.

Voltaire riu-se, e satisfz-lhe o pedido.

POUPAR

GUSTAVO de Matos Sequiera dizia, outro dia, no «Teatro Nacional», defronte do busto de António Ennes:

— Numa época em que é necessário poupar, devia escrever-se apenas — António N. N.... Sempre se poupavam três letras!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

O célebre professor inglês WILLIAM BEVERIDGE
(Visto pelo caricaturista Santana)



SANTANA



UM MAGNÍFICO RETRATO!

Nem sempre os homens merecem que lhes prestemos homenagem, publicando o seu retrato como prova de admiração pública. Outros animais há, que a merecem muitas vezes mais do que eles... Este cãozito, que tão simpaticamente «posou» para o fotógrafo, que nos olha com tanta bondade, o amigo fiel do homem, é um deles.